



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM RELAÇÕES
INTERNACIONAIS

PROPAGANDA E INTELIGÊNCIA COMO FERRAMENTAS DE
POLÍTICA EXTERNA NO SÉCULO XXI
O campo de atuação para as duas instituições
após o término da Guerra Fria

Beatriz Leal Craveiro

Brasília
Março/2011

BEATRIZ LEAL CRAVEIRO

**PROPAGANDA E INTELIGÊNCIA COMO FERRAMENTAS DE
POLÍTICA EXTERNA NO SÉCULO XXI**

**O campo de atuação para as duas instituições
após o término da Guerra Fria**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília.

Universidade de Brasília

Orientador: Prof. Alcides Vaz

Brasília

Março/2011

FICHA CATALOGRÁFICA

CRAVEIRO, Beatriz Leal. Propaganda e Inteligência como ferramentas de política externa no Século XXI: o campo de atuação para as duas instituições após o término da Guerra Fria / Beatriz Leal Craveiro; Orientador: Alcides Vaz. – Brasília, 2011. 78 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Relações Internacionais – Universidade de Brasília. Curso de Especialização em Relações Internacionais. 1. Propaganda. 2. Inteligência. 3. Política externa. 4. Relações internacionais pós-Guerra Fria. 5. Democracia. 6. Terrorismo. 7. Economia chinesa.

DEDICATÓRIA

Dedico este produto do meu primeiro investimento acadêmico “autofinanciado” aos meus pais, que investiram na minha educação desde os desenhos desconfigurados à graduação.

Dedico este trabalho também ao Pedro, companheiro de curso e de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Pedro por uma série de fatores, mas, principalmente, pela paciência.

Agradeço ao professor Alcides Vaz pelas ideias e pela orientação.

“In a world where image is everything, reality has
nothing to do with ‘facts’ or ‘the truth’.

The only truth is power”

Philip M. Taylor

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo debater o campo de atuação da Inteligência e da Propaganda na política internacional do Século XXI. Após traçar histórico e conceitos da Propaganda e Inteligência, a monografia delinea pontos de interseção entre ambas as instituições. Estabelecem-se também algumas pautas prioritárias e analisam-se seus contextos durante a primeira década deste século e o que esses temas trazem de desafio para o futuro próximo. Ao final, conclui-se que, mesmo em um cenário de relativa paz, em comparação com o século passado, o contexto anárquico internacional atual tem o campo fértil para a atuação da Inteligência e da Propaganda.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the acting field Intelligence and Propaganda have in the international affairs of the 21st Century. After outlining historical descriptions and concepts concerning Intelligence and Propaganda, this work portrays intersection points between both institutions. The paper also establishes some priority agenda and analyses the contexts of this agenda during the first decade of this century. Besides, this project outlines what challenges this agenda brings to the near future. By the end, the researches infer that even in a peace scenario, comparing to the 20th Century, the present international anarchy context has a fertile field for Intelligence and Propaganda to act.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A PROPAGANDA COMO FERRAMENTA DA POLÍTICA EXTERNA	16
1.1 <i>Por que estudar Propaganda</i>	16
1.2 <i>Breve histórico</i>	18
1.3 <i>Exemplos de produtos da Propaganda na Guerra Fria</i>	24
1.4 <i>O ato como Propaganda</i>	26
1.5 <i>O que é a Propaganda afinal?</i>	27
1.6 <i>Desafios para a Propaganda no Século XXI</i>	32
2. A ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA EM UM MUNDO ANÁRQUICO	34
2.1 <i>Por que estudar a Inteligência</i>	34
2.2 <i>Breve histórico</i>	38
2.3 <i>Desafios da Inteligência para o Século XXI</i>	39
2.3.1 <i>Meio ambiente</i>	40
2.3.2 <i>Economia e comércio</i>	41
2.3.3 <i>Anarquia e cooperação</i>	42
2.3.4 <i>Transparência e regimes democráticos</i>	43
2.3.5 <i>Contraineligência e cybercrime</i>	45
2.3.6 <i>Desvio do sensacionalismo da mídia</i>	46
3. INTELIGÊNCIA E PROPAGANDA: UM FERRAMENTA DO OUTRO	48
3.1 <i>Trabalho integrado</i>	48
3.2 <i>Efeitos e temas</i>	50
4. DEMOCRACIA, LIBERALISMO, TERRORISMO, ETC: A PAUTA DA PROPAGANDA E DA INTELIGÊNCIA OCIDENTAIS PARA O SÉCULO XXI	53
4.1 <i>Novo cenário?</i>	53
4.2 <i>Democracia</i>	55
4.3 <i>Terrorismo</i>	59
4.4 <i>Proliferação de armas nucleares</i>	63
4.5 <i>Abertura do mercado chinês: exaltação de um exemplo</i>	64
CONCLUSÃO	70
BIBLIOGRAFIA	73

INTRODUÇÃO

Durante o curso de Especialização *Lato Sensu* em Relações Internacionais, discutiu-se muito sobre o cenário internacional do século XXI. Com o final da Guerra Fria e da configuração bipolar do mundo, temas inéditos, formas de governo diferenciados, novos tipos de diplomacia e novos agentes ganharam espaço na dinâmica global. Agora, os Estados não são mais as únicas instâncias políticas existentes.

Após estudar a história do século passado, permeada por guerras e conflitos, e constatar a importância dos papéis da Inteligência e da Propaganda nestes contextos inflamáveis, despertou-se curiosidade sobre a importância e a função dessas duas instituições no século XXI. Neste trabalho procurou-se responder o questionamento sobre qual é o lugar da Propaganda aliada à Inteligência, como ferramenta de política externa, em um mundo multipolar. O projeto propõe buscar os motivos atuais que levam governos a utilizarem Propaganda como instrumento, uma vez que não há mais necessidade de afirmação de posições em um cenário de guerra mundial – como é o caso da primeira metade do Século XX – nem necessidade de afirmação e “sedução” ideológica - como é o caso de quase toda a segunda metade do Século XX.

A reflexão é importante, pois, uma vez estudados quais são os motivos priorizados na atual agenda dos serviços de Inteligência dos governos, traça-se um panorama de novas prioridades para o Século XXI. Abre-se também um debate sobre o horizonte de assuntos sob os quais as populações podem estar inertes no jogo de Propaganda entre governos¹.

¹ Dúvidas que me instigaram a investigar sobre propaganda no século XXI são ilustradas em Taylor: “*Did people then [séc. XX] see warfare through the rose-tinted spectacle provided by propagandist opticians who wanted to masquerade its brutal realities? As consumers of the mass media, is it any different for us today? Just how realistic and authentic is the view of war held by non-combatants? Or are we just as blinkered as our predecessors were?*” TAYLOR, Philip M. **Munitions of the mind: a history of propaganda from the ancient world to the present day**. Manchester University Press. 3. ed. 2003, p. 10. “*It is comparatively easy for an outsider to identify such a strong propaganda climate within another society. However, if one is actually living through it, such dispassionate analysis becomes virtually impossible*” TAYLOR, 2003, p. 300 “*Those interests may, or may not, coincide with our own. If they do, we tend not to label it as propaganda. They become our shared*

Em consonância com os métodos da própria disciplina de Relações Internacionais e o caráter abrangente que a especialização *lato sensu* requer, a metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho foi o da pesquisa bibliográfica que, inclusive, suscitou algumas dificuldades. Poucas foram as fontes brasileiras e a maioria dos livros consultados teve de ser importada. Alguns autores, já esgotados nas editoras, também não foram fáceis de encontrar. Além disso, as limitações de tempo e de espaço reprimiram as manifestações conceituais e históricas da Propaganda e da Inteligência, o que causou certas dúvidas sobre até onde chegar e o quê exatamente abordar em cada um dos casos – conflitaram-se os receios da superficialidade e da prolixidade. O fato de a aluna não ser de formação da área de Relações Internacionais também demandou dedicação maior na pesquisa, principalmente no que tange a estudo dos fatos históricos.

Como produto do trabalho, pretendeu-se traçar os principais motivos que pautam os serviços de Inteligência dos governos e, conseqüentemente, quais são os temas em pauta no planejamento de propaganda estatal no início do século XXI. Para chegar a esse objetivo geral, foram buscados primeiramente outros contextos históricos e motivos que levaram à elaboração de estratégias propagandísticas de Estado no passado e a relação entre Propaganda e Inteligência.

Nesse sentido, o primeiro capítulo é exclusivamente dedicado à Propaganda, desde a definição da palavra utilizada neste trabalho (e sua diferenciação da publicidade – *advertising*), passando por um histórico sucinto, por uma reflexão sobre as técnicas de Propaganda, até chegar a uma breve exposição de desafios do setor para o novo século.

O histórico da Propaganda é realmente breve, pois não é intenção neste trabalho entrar em detalhes sobre a Propaganda. Dá-se, então, somente uma pincelada sobre essa linha do tempo, permitindo-se alongar-se um pouco mais, porém ainda superficialmente, na história da Propaganda do século XX. O breve histórico da Propaganda, portanto, tentou, em poucos parágrafos, comparar as duas

value system, our common set of 'truths'. It is only when we meet someone from outside this system, whose views of the world are quite different from our own, that we can begin to appreciate that there may be another way of looking at things [...] Whether or not something is branded as 'propaganda' depends on which side you are on" TAYLOR, 2003, pp. 321-2

Guerras Mundiais e a Guerra Fria sob o ponto de vista propagandístico (registra-se que não se fez neste trabalho uma ilustração do rico papel da Propaganda na Revolução Russa²).

A Propaganda estatal, no entanto, não trabalha sozinha³. A Propaganda estatal (principalmente a de cunho ideológico) está aliada em grande parte ao setor militar do país. Neste trabalho, no entanto, examinou-se a atividade da Propaganda aliada à Inteligência, que não deixa de ser um braço do setor militar do Estado. Portanto, no capítulo seguinte ao da Propaganda abre-se espaço para ilustração exclusiva da Inteligência como instituição de Estado.

O histórico da Inteligência também foi tratado de forma superficial. Optou-se por priorizar, no espaço deste trabalho acadêmico, a discussão sobre os desafios para este novo século. Logo, as discussões conceituais e históricas, de fato, serviram apenas como uma ilustração preliminar. Nesse ínterim, é plausível explicitar que o histórico da Inteligência está ainda mais superficial do que aquele encontrado no capítulo anterior, da Propaganda.

O capítulo específico sobre Inteligência inicia com reflexões sobre a importância de se estudar Inteligência atualmente, além de mencionar algumas bases conceituais sobre o tema. O histórico é de fato uma pequena ilustração, sem aprofundamento, para melhor contextualizar a discussão. Em seguida é feita uma discussão sobre os desafios para a instituição da Inteligência neste século. A prioridade nesse segundo capítulo foi justamente discutir esses desafios e qual a pauta da Inteligência para a próxima década, agenda essa que, como será visto no quarto capítulo, coincide com os temas foco da Propaganda do Século XXI.

Antes de chegar ao quarto capítulo, porém, o terceiro capítulo - o mais curto, no entanto não menos importante – abre espaço para o estabelecimento de relações entre as instituições Inteligência e Propaganda. Este, na realidade, foi o capítulo que obteve mais contribuição da aluna, a partir da pesquisa prévia sobre cada uma das instituições separadamente, pois é seguro afirmar que, salvo breves menções em

² Para mais detalhes sobre esse período sob o ponto de vista da Propaganda, além de detalhes sobre a indústria cinematográfica soviética da época, ver TAYLOR, 2003, pp. 198-207

³ “*Propaganda by itself cannot win any struggle for allegiances*” TAYLOR, 2003, p. 4

alguns dos livros pesquisados, não há bibliografia específica que relaciona Inteligência e Propaganda de forma explícita.

Nos dois primeiros capítulos, foi explorado como a Inteligência e a Propaganda, separadamente, se relacionam com as Relações Internacionais. No terceiro capítulo, analisa-se como as duas instituições interagem entre si e como o resultado dessa interação se comporta no cenário internacional. Para ilustrar essas análises é mencionado um exemplo da área econômica/comercial/financeira. Ao final do capítulo, há uma reflexão que leva à constatação de uma possibilidade de Inteligência e Propaganda confundirem-se, por compartilharem da técnica do *framing*.

O quarto e último capítulo busca trazer todos os conceitos estudados nos capítulos anteriores para a prática, ao discorrer sobre temas de Propaganda e alvos da Inteligência no século XXI. Como recorte, optou-se por abordar democracia, terrorismo, proliferação de armas nucleares e liberalismo econômico. Nada mais propício, portanto, do que utilizar como ilustração a política norte-americana de promoção ou repúdio a esses quatro conceitos. Cabe explicar que esses foram os temas escolhidos, em detrimento do estudo de outras práticas atuais propagandistas e de Inteligência do Oriente, por conta da riqueza bibliográfica sobre os temas, além do interesse pessoal da aluna por estudá-los.

A democracia é o primeiro conceito explorado. O objetivo do trabalho não é argumentar contra a democracia. A aluna, na realidade, não acredita que, no atual panorama mundial, haja regimes mais eficazes, principalmente no Brasil, do que a democracia. No entanto, diante do estudo da Propaganda estatal, é muito pertinente, nesta oportunidade, fazer uma reflexão sobre como o conceito norte-americano da democracia tornou-se peça publicitária nas campanhas da Propaganda norte-americana (não só no governo Bush, ressalte-se). A reflexão lógica sobre democracia e paz é a seguinte: democracia (kracia + demos = governo do povo) deve refletir os desejos do povo (o que interpreta-se que deva ser feito por meio do voto). O povo, de forma geral e em análise superficial, não gosta de conflitos. Se o governo fizer o que o povo quer, ele não entrará em conflitos. Portanto, democracia é o meio de se atingir

a paz⁴. O trabalho utiliza-se de alguns parágrafos, no entanto, para contestar essa relação necessária entre democracia e paz neste início de século. A análise sobre a democracia como peça da Propaganda norte-americana é ilustrada por uma crítica à promoção de valores democráticos durante o mandato presidencial norte-americano de 2001 a 2008. Ou seja, é aberta uma crítica ao governo Bush e à propaganda norte-americana quando de suas intervenções no Oriente Médio.

Estritamente ligadas à democracia, as promoções antiterroristas e antiproliferação nuclear, assim como a inteligência voltada para esses fatores, são exploradas em seguida, porém sem tanto aprofundamento como a abordagem da democracia. Isso ocorre porque na própria análise da democracia muitos fatores que seriam abordados nos outros dois recortes já são considerados. Separar esses três temas é de fato uma tarefa desafiadora, uma vez que, a partir do fim da Guerra Fria, caminham de mãos atadas.

Por último no quarto capítulo é elaborada uma elucidação sobre a promoção da economia de mercado e do liberalismo e toma-se como recorte a China e sua abertura de mercado a partir do final da década 1970, abordando seu processo de implantação e suas consequências econômicas e sociais. Para tanto, foram utilizados argumentos de opiniões variadas sobre a questão e, como instrumento, consultou-se um relatório do Fundo Monetário Internacional (FMI), que esclareceu o ponto de vista ocidental sobre esse processo na China. A abordagem é examinada sob a visão de como as consequências boas da abertura do mercado chinês podem ser usadas como peças de Propaganda para promover a mesma abertura econômica em outros países.

É fundamental ressaltar, no entanto, que, embora não tenha sido abordado neste trabalho, há sempre um outro lado da história. O próprio regime talibã, por exemplo, também, obviamente, se utilizou das técnicas propagandísticas, banindo, inclusive, as transmissões televisivas do ataque de 11 de setembro de 2001 no país afegão, “which meant that most people in Afghanistan had never seen the images of

⁴ SOUSA, Fernando. A democracia, face da política da globalização? **Revista Brasileira de Política Internacional**, Vol. 49, no. 1: [5-24], 2006, p. 15

the twin towers collapsing”⁵. Ao enfatizar o governo Bush – por razões de haver mais material bibliográfico sobre o assunto – deve-se esclarecer que o quarto capítulo deste trabalho não pretende fazer um associação (ou *transfer*, como será tratado no primeiro capítulo) de “Estados Unidos maus” e “Oriente Médio vítima”. As análises do quarto capítulo são apenas ilustrações, recortes.

O trabalho é justificado em sua própria elaboração, ao longo de quase todo o texto, ao elucidar que neste século o campo é infinitamente fértil para a Inteligência e a Propaganda.

⁵ TAYLOR, 2003, p. 316

1. A PROPAGANDA COMO FERRAMENTA DA POLÍTICA EXTERNA

1.1 Por que estudar Propaganda

Por uma questão linguística, em primeiro lugar deve-se definir qual concepção de “Propaganda” este trabalho utiliza. No Brasil, a palavra propaganda pode ser utilizada em dois contextos que em inglês são diferenciados entre “*propaganda*” e “*advertising*”. Embora confundidos e na maioria das vezes relacionados, esses dois contextos são diferentes e precisam ter suas definições delimitadas. O *advertising* – mais relacionado com promoção, divulgação, publicidade comercial - está contido na *Propaganda*, uma vez que é uma de suas formas de manifestação. A *Propaganda*, por sua vez, é infinitamente mais ampla do que a atividade do *advertising*. Faz-se extremamente necessário, portanto, alertar sobre a diferença dos dois termos. Neste trabalho, será utilizada a palavra “propaganda” para tratar do que em inglês é chamado também “*Propaganda*”, ou seja:

[...] Deliberate attempt by some individual or group to form, control, or alter the attitudes of other groups by the use of the instruments of communication, with the intention that in any given situation the reaction of those so influenced will be that desired by the propagandist [...]⁶

Ou ainda:

[...] The more or less deliberately planned and systematic use of symbols; chiefly through suggestion and related psychological techniques, with a view to altering and controlling opinions, ideas, and values, and ultimately to changing overt actions along predetermined lines.⁷

A instituição da Propaganda vive e sempre existirá porque os governantes estão preocupados sobre o que a opinião pública – nacional e estrangeira – pensa sobre seus governos e lutam para fazer com que essas opiniões sempre estejam em consonância com seus interesses.

⁶ QUALTER, Terence H., 1962 apud HOLSTI, K. J. **International politics – a framework for analysis**. 5. ed. Englewood cliffs: Prentice Hall, 1988 p. 193

⁷ BROWN, J. A. C., 1963 apud HOLSTI, 1988, p. 193

Most governments *are* sensitive to the opinions expressed abroad about their policies and how they execute them. Otherwise they would not spend such large sums in trying, through diplomacy and propaganda programs, to create favorable impressions abroad.⁸

Os governantes estão preocupados com a opinião pública porque buscam prestígio. Conforme os fatores que medem o prestígio das nações se alteram ao longo do tempo, o foco da Propaganda também se altera. Alcançar o prestígio internacional e o reconhecimento do seu próprio povo são os fins da Propaganda e, muitas vezes, para isso, manipulam-se, escondem-se e editam-se os fatos.

[...] The image of a state can be a major factor in determining whether and how easily the state can reach its goals [...] An undesired image can involve costs for which almost no amount of the usual kinds of power can compensate and can be a handicap almost impossible to overcome.⁹

Além de expansão territorial, arsenal militar e economia, o século XXI traz à dinâmica internacional novos fatores concedentes de prestígio aos Estados. Os esforços que os Estados concentram para apoiar aliados pobres e vítimas de tragédias naturais, para promover os direitos humanos, para cumprir a regulamentação ambiental, para apoiar instituições internacionais, entre outros, ocorrem basicamente para conquistar a opinião pública (doméstica e internacional) e, portanto, prestígio¹⁰. Ou seja, tanto os antigos como os “novos temas” são todos conteúdos potenciais para Propaganda, que não é, de modo algum, uma atividade estratégica pouco complexa. “The desire to score propaganda victories may also conflict with the perception you wish your adversary to have of your interpretation of his behavior”¹¹. É factível concluir, então, que a Propaganda também se torna uma arma de poder tanto quanto o arsenal militar de um Estado. “... Propaganda has always been an additional instrument in the arsenal of power, a psychological instrument”¹².

Uma citação de Holsti justifica a importância de se estudar Propaganda: “... Resources, such as diplomatic or propaganda skills, are seldom measured; but surely

⁸ HOLSTI, 1988, p. 377

⁹ JERVIS, Robert. **The logic of images in international relations**. 2. Ed. Columbia University Press 1989, p. 6

¹⁰ “... Prestige, and saving face are often not ephemeral goals pursued by politicians courting domestic support or foolish statesmen unappreciative of the vital role of power. Rather these are aspects of a state’s image that greatly contribute to its pursuit of other goals” Ibid., p. 7

¹¹ Ibid., p. 183

¹² TAYLOR, 2003, p. 4

they are as important as war-making potential”¹³. O importante é a opinião pública tentar, o quanto conseguir, identificar e se desvencilhar das mensagens da Propaganda¹⁴, e este é o principal motivo de se estudá-la em um contexto de Relações Internacionais. “Propaganda de Estado, quando apoiada pelas classes cultas e quando nenhuma divergência é permitida, pode ter um grande efeito”¹⁵.

1.2 Breve histórico

É difícil determinar um ponto-chave para considerar o exato início da Propaganda. Conforme Philip M. Taylor (2003) aponta, já desde a era Neolítica os desenhos dos homens primitivos demonstrando sua caça e vitórias podem ser considerados as primeiras manifestações da propaganda¹⁶. Passando nas entrelinhas dos monumentos mesopotâmicos, dos oráculos, dos palácios assírios, das pirâmides egípcias¹⁷, dos deuses e esculturas gregas, dos deuses e tropas romanas¹⁸, da bíblia Cristã, das músicas celtas, dos sermões das Cruzadas, da religião e superstição na Guerra dos Cem Anos, dos discursos da Renascença, dos panfletos luteranos na Reforma Protestante (aqui já pós-Gutenberg)¹⁹, a palavra *Propaganda* foi pela primeira vez oficialmente utilizada no Vaticano no século XVII, durante a Guerra dos Trinta Anos, quando o então Papa Gregório XV instituiu um novo departamento:

¹³ HOLSTI, 1988, p. 145

¹⁴ “*Propaganda, it is felt, forces us to think and do things in ways we might not otherwise have done had we been left to our own devices. It obscures our windows on the world by providing layers of distorting condensation. [...] Propaganda thus becomes the enemy of independent thought and an intrusive and unwanted manipulator of the free flow of information and ideas in humanity’s quest for ‘peace and truth’. It is therefore something which democracies, at least, ought not to do*” TAYLOR, 2003, p. 1

¹⁵ CHOMSKY, Noam. **Controle da mídia – os espetaculares feitos da propaganda**. 3.ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2003a, p. 13

¹⁶ “... *It is in fact an activity that does date back to the time when human beings first began to communicate with one another*” TAYLOR, 2003, p. 6

¹⁷ “*The Pharaohs were among the first to recognize the power of public architecture on a grand scale to demonstrate prestige and dynastic legitimacy*” Ibid., p. 24

¹⁸ “*As Gary Yanker pointed out, ‘art has been propagandistic since the pharaohs of ancient Egypt’. In Pompeii, two thousand years ago, the city’s walls were painted with official notices and proclamations, along with graffiti that communicated political beliefs*” SEIDMAN, Steven A. **Posters, propaganda and persuasion in election campaigns around the world and through history**. Peter Lang Publishing Inc., New York. 2008. p. 2

¹⁹ “*Propaganda or mass persuasion campaigns seek to influence public opinion. The first posters designed to accomplish this goal were printed in the first half of the sixteenth century, during the Protestant Reformation in Germany*” Ibid., p. 3

“Sacra Congregatio de Propaganda Fide”, ou Congregação para a Propagação da Fé. O objetivo era retomar o catolicismo na Europa e consolidá-lo no “Novo Mundo”²⁰.

No âmbito político, apesar da Guerra Civil Inglesa no Século XVII, do Iluminismo, da ascensão da imprensa e da Revolução Americana no Século XVIII, e, no século seguinte, da Revolução Francesa, de forma geral, até o Século XIX os interesses das pessoas “comuns” se limitavam ao seu grupo de convivência. Os fluxos de influência restringiam-se aos mantenedores do *policy making*, ainda limitado à época a um círculo muito pequeno de cidadãos. “They had to impress their foreign counterparts, not foreign populations”²¹. As pessoas eram, além de iletradas²², apáticas aos acontecimentos políticos, ou seja, imunes às influências externas²³. Até um certo nível, pode-se dizer que, então, não existia a Comunicação como é entendida hoje. “... Before 1914, propaganda simply meant the means by which the converted attempted to persuade the unconverted. The converted were, and are, not necessarily nasty people with nasty ideas”²⁴.

Nas guerras e conflitos anteriores, a população era, em grande escala, pouco afetada. Apenas estavam envolvidos nos combates - que em geral ocorriam longe da população - os soldados oficiais. Agora, no século XX, a sociedade estava diretamente envolvida na guerra, fosse com os homens nos campos de batalha, ou com as mulheres sendo recrutadas nas fábricas para substituí-los.

Although the Napoleonic wars and the American War of Independence had foreshadowed this phenomenon by their level of popular involvement, the world wars of the twentieth century differed markedly from previous conflicts, not just in their scale but also in the degree to which civilians were affected by, and contributed directly to, events in the front line. War now became a matter for every member of the population, a struggle for national survival in which the entire resources of the nation – military, economic, industrial, human, and psychological – had to be mobilized in order to secure victory or avoid defeat.²⁵

²⁰ TAYLOR, 2003, p. 111

²¹ HOLSTI, 1988, p. 191

²² Vale um pequeno lembrete de que neste começo de século ainda 20% da população mundial é analfabeta. SEIDMAN, 2008, p. 13

²³ HOLSTI, 1988, pp. 190-1

²⁴ TAYLOR, 2003, p. 4

²⁵ Ibid., p. 173

O cenário mudou a partir das políticas de massa, quando também começaram as migrações e os contatos entre pessoas de diferentes nacionalidades. Classes sociais, grupos de interesse e movimentos passam a exercer um papel diferenciado no *policy making* dos Estados²⁶. Junto a esse fator, ascende a mídia de massa, o que resulta, portanto, na evolução da opinião pública. E é neste contexto que se intensifica a necessidade do uso da Propaganda. “It was the convergence of total war and the mass media that gave modern war propaganda its significance and impact in the twentieth century”²⁷.

Na Primeira Guerra Mundial intensificam-se os esforços para a Propaganda internacional. Toma-se o exemplo, no começo dos conflitos, em 1914, da disputa propagandística entre Alemanha e Grã-Bretanha pela simpatia dos Estados Unidos para ressaltar que os focos dos agentes de propagandas, antes focados na mobilização interna, estavam agora voltando-se para fora de suas fronteiras.

One of the unique aspects of modern international political relationships is the deliberate attempt by governments, through diplomats and propagandists, to influence the attitudes and behavior of foreign populations, or of specific ethnic, class, religious, economic, or language groups within those populations.²⁸

Uma das técnicas utilizadas no início da Primeira Guerra foi de atribuir atrocidades aos inimigos, quando, por exemplo, os alemães receberam o apelido de bárbaros por “arrancar braços de bebês belgas”²⁹. Nesse contexto de promoção das atrocidades alheias e ascensão das mídias de massa, Hollywood, já do lado dos aliados, lança diversos filmes sobre o assunto, como *The Little American* (1917)³⁰ e *The Kaiser, the Beast of Berlin* (1918). À época, a propaganda alemã era considerada pobremente organizada e coordenada. Mas um militar alemão que presenciou toda a

²⁶ HOLSTI, 1988, p. 192

²⁷ TAYLOR, 2003, p. 174

²⁸ HOLSTI, 1988, p. 191

²⁹ “Perhaps the most infamous atrocity story of the Great War concerned the alleged German ‘Corpse-Conversion Factory’[...] The British Press – for which atrocity stories were frequently good copy – accused German government of boiling down human corpses to make soap” TAYLOR, 2003, pp. 180-1

³⁰ Em que a protagonista viaja à França para visitar uma tia doente e tem seu navio atacado por alemães. Ao chegar à França, ela presencia atrocidades alemãs e é sequestrada por eles. Ibid., pp. 185-6

Propaganda contra seu país da Primeira Guerra estava alerta e se baseou no modelo inimigo para, uma década depois, aplicá-la em benefício próprio: Adolf Hitler.

Agora, na Segunda Guerra Mundial, com liderança de Joseph Goebbels, era a Propaganda nazista que dominava a pauta das mídias de massa da Alemanha, conseguindo, por meio de filmes e outras peças de arte, além de discursos efusivos e a criação da “lenda” de Hitler (*das Führer Prinzip*), convencer a população de que o correto a se fazer era invadir outros países da Europa e extinguir a “raça judia”, tudo em nome do princípio – ou *slogan* – de “*Deutschland über alles*”. Além da genialidade de Goebbels, os nazistas contaram com outro ponto a seu favor: a “Propaganda de atrocidades” antigermânicas da Primeira Guerra, quando desmitificada, levou a uma dificuldade da opinião pública internacional, na década de 1930 e 1940, em acreditar nas reais atrocidades da Alemanha Nazista³¹.

No entanto, a Grã-Bretanha não deixou de agir no aspecto propagandístico. Churchill teve, inclusive, que evoluir na linguagem, ou seja, não apelar para o sensacionalismo, para que o público acreditasse que os nazistas eram de fato atroz. Investiu nas rádios da BBC – British Broadcasting Corporation – e no cinema. Um dos produtos dessa mudança na propaganda britânica foi *Foreign Correspondent* (1940), filme dirigido por Alfred Hitchcock, cineasta inglês enviado a Hollywood para fazer películas pró-britânicas e combater o isolacionismo dos Estados Unidos com ajuda da comunidade britânica de Hollywood³². Com presença maciça de outros grandes propagandistas não mencionados – Estados Unidos, Rússia, Japão –, na Segunda Guerra Mundial, a dimensão da importância da Propaganda ganha sustância e fica muito mais evidente do que na Primeira Guerra.

Modern democracy and totalitarian dictatorship had both emerged from the First World War and 1939 was a testimony to their mutual incompatibility. There followed a struggle between mass societies, a war of political ideologies in which propaganda was merely one, albeit significant, weapon.³³

³¹ Ibid., p. 197

³² Ibid., p. 223

³³ Ibid., p. 208

Para os Estados democráticos, a Guerra Fria foi definida como uma disputa basicamente entre o “mundo livre” e o “mundo escravo”³⁴. Nos capítulos seguintes, será mencionado que a Guerra Fria foi uma Guerra de Inteligência, mas também sem dúvida foi uma Guerra de Propaganda.

This was a war in the mind, a contest of ideologies, a battle of nerves which, for the next forty years or so, was to divide the planet into a bipolar competition that was characterized more by a war of words and the threatened use of nuclear weapons rather than their actual use. It was a conflict in which the idea of nuclear war was constantly on the mind of international public opinion.³⁵

De forma geral, foram cerca de 40 anos de disputa entre as palavras de Moscou e as de Washington e a ascensão da televisão nos lares contribuiu para a veiculação dessas ideias. “Vietnam had demonstrated that wars are precisely the kind of events that are good for television”³⁶. Na realidade, quando se tem um inimigo claro para atacar ou contra quem se fazer de vítima o trabalho dos propagandistas é menos complexo. A partir dos anos 1980 é que eles passam a ter reais dificuldades, quando as definições estabelecidas e amplamente aceitas do conflito bipolar começam a mudar.

Já na década de 1990, o início da Guerra do Golfo foi um espetáculo para a televisão. “It was sensational footage [...] The overall impression was that the coalition possessed the capability of winning the war in a clinical, almost bloodless, air campaign with minimum casualties”³⁷. No entanto, o Sul do Iraque, onde as verdadeiras bombas foram lançadas, matando cerca de 48 mil iraquianos, estava bem longe das câmeras da CNN³⁸. Transmitida de forma enviesada ou não, a Guerra do Golfo foi a primeira guerra que foi ao ar ao vivo na televisão, com transmissão de notícias 24 horas por dia³⁹.

Ainda na mesma década, o conflito do Kosovo veio trazer um novo desafio para os propagandistas, no caso, norte-americanos. Com a facilitação do acesso aos meios de mídia, principalmente com o advento da internet, os jornalistas

³⁴ Ibid., p. 249

³⁵ Ibid., p. 250

³⁶ Ibid., p. 275

³⁷ Ibid., p. 289

³⁸ Ibid., p. 289

³⁹ Ibid., p. 298

independentes, antes mais facilmente manipulados, passaram a ter acesso ao outro lado da história.

When western news organizations send journalists into countries under fire, they provide an opportunity for those countries to publicize their point of view in the very countries attacking them. Moreover, the internationalization of the telephone system means that individuals can either phone family and friends around the world and, if computers attached to modems are available, all sorts of words and images can follow.⁴⁰

Como explicita Taylor⁴¹, em 1999 apenas 0,5%⁴² da população de Kosovo tinha acesso à internet, portanto, este não foi um fator decisivo para o conflito. No entanto, era um novo fator relevante entrando em cena. Neste contexto, no mesmo ano, ataques sérvios foram dirigidos às *homepages* da Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e da Casa Branca⁴³. Era o início do *cybercrime* e de um dos desafios que o conclusivo século do milênio deixava para seu sucessor.

Embora a Propaganda, desde a Primeira Guerra Mundial, nunca tenha abandonado o cinema como meio de veicular suas ideias (de *America's Answer* [1918] a *Guerra ao Terror* [2008]), os exercícios de Propaganda que ocorreram durante as Guerras Mundiais⁴⁴ são diferentes daqueles exercidos durante a Guerra Fria⁴⁵, que por sua vez também se diferem do que ocorreu no período logo após os confrontos bipolares (da Guerra do Golfo em diante), no fim do século passado. Cerca de 15 anos depois, a Propaganda atual já é díspar do que havia na década de 1990⁴⁶.

⁴⁰ Ibid., p. 309

⁴¹ Ibid., p. 308

⁴² O que correspondia a 50 mil pessoas.

⁴³ “One individual in Belgrade was able to cause considerable damage by e-mailing 2000 messages a day, some containing the Melissa and more pernicious Papa macro viruses, to NATO’s website using ‘ping’ bombardment strategy to cause line saturation” TAYLOR, 2003, p. 309

⁴⁴ “Once war has broken out, propaganda has proved to be a weapon of no less significance than swords or guns or bombs” Ibid., p. 5

⁴⁵ Para mais reflexões sobre a Propaganda da era nuclear na Guerra Fria, ver JERVIS, 1989, pp. 225-253. “... Strategists are merely like messengers who bring news to the decision-makers is thus misleading. Whether the ‘news’ is correct depends in part on whether decision-makers on both sides accept it. [...] The strategist who can convince both sides that limited wars are possible is not describing reality, he is changing it” JERVIS, 1989, p. 231

⁴⁶ E a Propaganda da virada da década, como será tratado mais adiante neste capítulo, terá de encarar o novo desafio das mídias sociais, uma nova forma de evolução da opinião pública. “As the communications landscape gets denser, more complex, and more participatory, the networked population is gaining greater access to information, more opportunities to engage in public speech,

Isso ocorre porque, além de os contextos históricos e as ameaças à paz mundial alterarem conforme o tempo passa, a opinião pública também evolui. As relações sociais e a interação entre povos de diferentes culturas se intensificam e a Propaganda atua conforme essas nuances variam. Assim como a história e a opinião pública⁴⁷, a Propaganda está em constante evolução, e o estudo e a pesquisa sobre o tema é uma forma de minimizar a submissão a ela.

No caso de um Estado totalitário ou militarista, como se diz hoje em dia, é fácil. Você apenas segura um cassetete sobre suas cabeças e, se saírem da linha, você arrebenta seus crânios. Mas, na medida em que a sociedade se torna mais livre e democrática, você perde essa capacidade. Portanto você tem que recorrer às técnicas da propaganda.⁴⁸

1.3 Exemplos de produtos da Propaganda na Guerra Fria

A Propaganda internacional soviética não tentou criar, em um primeiro momento, movimentos marxistas-leninistas pelo mundo, mas apelou para os valores, ou como chama Holsti⁴⁹, “símbolos vagos”, como *paz e desarmamento*⁵⁰. A ideia, nesse caso, dos propagandistas soviéticos não era recrutar pessoas para o movimento, mas sim, gerar opiniões favoráveis à política soviética⁵¹. Nos países em desenvolvimento, propagandistas soviéticos apostaram nos sentimentos nacionalistas e utilizavam generalizações, como “militarismo americano”.

The messages are intended to suggest that Soviet proposals and actions are directed toward peace, while the United States, particularly during the

and an enhanced ability to undertake collective action” SHIRKY, Clay. The political power of social media: technology, the public sphere, and political change. **Foreign Affairs**, vol. 90, no. 1, jan.-fev., 2011

⁴⁷ Ao comentar sobre a evolução da opinião pública, não se pode deixar de mencionar reflexão de Holsti: considerar a existência de uma opinião pública mundial seria acomodar-se no generalismo. “*Aside from obvious cases, such as overt aggression or genocide, it is difficult to believe that such a thing as ‘world public opinion’ exists today, if by that we mean a fundamental and popular consensus as to what constitutes legitimate, legal or ethical behavior in international relationships*” HOLSTI, 1988[1967], p. 376

⁴⁸ CHOMSKY, 2003a, p. 19

⁴⁹ HOLSTI, 1988, p. 197

⁵⁰ Assim como, atualmente, valores, ou “símbolos vagos”, como *democracia, liberdade, mercado livre, propriedade privada, “support our troops”*, são utilizados pela propaganda norte-americana.

⁵¹ HOLSTI, 1988, p. 197

Reagan administration, is bent on seeking military superiority and thereby propelling the world into an even more acute arms race.⁵²

A comunicação internacional americana também caminhava no mesmo sentido: procurava ressaltar atitudes pró-americanas em países já com essa tendência, em vez de tentar converter grupos e sociedades que já pendiam para o lado soviético⁵³.

Já a British Broadcasting Corporation – BBC –, no ar desde 1922, utilizava uma estratégia diferente: a da credibilidade. Ao criticar o próprio governo e tratar os temas de interesse de forma mais factual do que agências de propaganda em geral, a empresa de comunicação detinha um poder ainda maior de manipulação, pois vestia a manta da imparcialidade⁵⁴.

Essa mistura entre meios jornalísticos e Propaganda está entre as mais manipuladoras, pois são nesses em que há a maior dificuldade em se traçar o limiar entre informação factual, Propaganda e quando são os dois fatores juntos⁵⁵. Por isso, esses são os meios favoritos das agências de Propaganda e até de Inteligência. As rádios Free Europe e Liberty, por exemplo, – instaladas clandestinamente na Europa, em 1949 e 1951, respectivamente⁵⁶ – eram administradas pela agência de Inteligência americana CIA – Central Intelligence Agency. A CIA também financiava escritores estrangeiros e editores de jornais para escrever favoravelmente à nação norte-americana. Além disso, a infiltração de agentes da CIA e do KGB em meios de comunicação foi prática recorrente durante a Guerra Fria⁵⁷.

Na realidade, é difícil delimitar onde se devem pesquisar os focos da Propaganda, pois ela alcança setores que, sem estudo aprofundado, são inimagináveis. “Most of the agencies are concerned with promoting tourism and trade, but others have a distinctly political mission: their task is to influence certain

⁵² Ibid., p. 209

⁵³ Ibid., p. 197

⁵⁴ Ibid., p. 197

⁵⁵ “*In propaganda battles, it is not so much a struggle for being right but for being credible*” TAYLOR, 2003, p. 322

⁵⁶ CEPIK, Marco. **Espionagem e democracia**. Rio de Janeiro: FGV, 2003, pp. 61-3

⁵⁷ VIVEIROS, Rafael Theberge. **Abin: A atividade de inteligência na democracia brasileira**. Trabalho de conclusão de curso de especialização em Relações Internacionais, Brasília: Universidade de Brasília, 2009, p. 50

segments of a population in hopes that these will, in turn, affect government programs”⁵⁸. Para Noam Chomsky, a Propaganda, ou a “fabricação de consenso”, utiliza três ferramentas básicas muito abrangentes: mídia, escola e cultura popular⁵⁹.

Como exemplo, cita-se a USIA (United States Information Agency), que funcionou de 1954 a 1999. Além de ter rádios (uma delas específica para Cuba), televisão, fazer filmes e serviços de notícia, a USIA organizava as atividades de mais de cem bibliotecas e serviços de informação fora dos Estados Unidos e promovia intercâmbios culturais e de estudantes⁶⁰.

The Voice of America [rádio da USIA] provides free lessons in the English language and programs for Russian listeners who like, but cannot buy, records of the Western jazz or rock music [...] In addition to providing books, periodicals, films, and magazines in USIA libraries around the world, the agency also provides technical and information services to foreign businessmen, labor organizers, educators, and farmers.⁶¹

O lado soviético investiu em educação de forma mais pragmática⁶². Estudantes da África, Ásia e América Latina frequentaram instituições de ensino superior soviéticas e aprenderam sobre tecnologia, ao invés de concepções marxistas-leninistas. O que corrobora com a linha soviética, explicitada anteriormente, de investir em primeiramente fazer com que os estrangeiros aprovem e admirem as políticas soviéticas em vez de tentar recrutá-los para o movimento comunista.

1.4 O ato como Propaganda

Não só de produtos sobrevive a Propaganda estatal. Ato dos governantes e demais tomadores de decisões (*policy makers*) dos governos – inclusive a maneira como falam e o tom de voz que utilizam⁶³ – também influenciam a imagem do país

⁵⁸ HOLSTI, 1988, p. 191

⁵⁹ CHOMSKY, 2003a, p. 17

⁶⁰ HOLSTI, 1988[1967], p. 205

⁶¹ Ibid., p. 206

⁶² “... Propaganda tells people what to think whereas education teaches people how to think. The line is, however, much thinner in practice than in theory” TAYLOR, 2003, p. 14

⁶³ “If a statesman at a summit conference knows others are judging him from his tone of voice or speed with which he makes decisions, he may change these patterns in order to project a desired image” JERVIS, 1989, pp. 50-1

e, portanto, para o bom ou para o ruim, também são meios de transmitir uma mensagem: Propaganda.

An act is basically a form of communication intended to change or sustain the behavior of those upon whom the acting government is dependent for achieving its own goals. It can also be viewed as a “signal” sent by one actor to influence the receiver’s image of the sender. In international politics, acts and signals take many different forms. The promise of granting foreign aid is an act, as are propaganda appeals, displays of military strength, wielding a veto in the Security Council, walking out of a conference, organizing a conference, issuing a warning in a diplomatic note, sending arms and money to a liberation movement, instituting a boycott on the goods of another state, or declaring war.⁶⁴

Jervis atrela ao ato também as decisões políticas como fatores que podem influenciar a imagem do país e, portanto, também devem ser pensadas no nível propagandístico. “... He may be willing to make concessions on an issue if he thinks others are taking it as an index to a desired characteristic or intention”⁶⁵.

É rico mencionar nesta seção fatos como a destruição de Carthage por Roma, ou os casos de Hiroshima e Nagasaki, e até as May Parades, de Moscou (com exibição heróica das frotas soviéticas/russas). “... Such actions send powerful messages that form part of the persuasive process that operates in the psychological dimension of human communication”⁶⁶.

1.5 O que é a Propaganda afinal?

Algo importante a ser ressaltado ao estudar Propaganda é o fato de que Propaganda não é mentira. É simplesmente um corte do “bolo” do tema, jogando-se fora todos os pedaços que não são favoráveis à imagem do propagandista. Ao jogar fora os pedaços “estragados” e “podres”, refaz-se um bolo menor com os bons pedaços e resalta-se seu sabor, mitifica-se e engrandece-se o bolo, e o que é “bom” passa a ter caráter de “invencível”, “incrível”, o melhor bolo de todos os tempos. Envolvidos naquela esfera mítica de exaltação do bolo (*bandwagon*), o público sequer se lembra de questionar sobre os pedaços do bolo que foram jogados fora.

⁶⁴ HOLSTI, 1988, p. 140

⁶⁵ JERVIS, 1989, pp. 50-1

⁶⁶ TAYLOR, 2003, p. 8

Fora da opinião pública, aqueles pedaços de bolo que estão no lixo passam a uma condição de quase nunca terem existido⁶⁷.

Holsti lista as principais técnicas de Propaganda internacional⁶⁸:

- *Name-calling*: associar adjetivos e sarcasmos ao referir-se ao rival: Nos Estados Unidos do século passado, por exemplo, “reds” para os soviéticos e “union bosses” aos líderes sindicais;
- *Glittering generalities*: adjetivos e juízos de valores se combinam e formam um conceito abstrato, porém atraente, como o americano “free world” e o soviético “socialist solidarity”. Democracia e empresa privada também são temas recorrentes e generalizados da Propaganda americana atual;
- *Transfer*: associações genéricas para fazer o público gostar ou desgostar do assunto, por exemplo “Judeus comunistas”, “bárbaros germânicos”, “comunismo ateu”, “capitalismo decadente”, ou, no Brasil, nas eleições de 2010, quando associaram a então candidata à Presidência da República do Partido dos Trabalhadores com ideais “pró-aborto” e, portanto “esquerda atea”;
- *Plain folks*: quando o propagandista usa gírias, sotaques ou outros artifícios para não ser visto como um estrangeiro ou alguém de fora daquele círculo social;
- *Testimonial*: quando um artista, autoridade, esportista, ou qualquer pessoa admirável pelo público, faz depoimento público a favor deste ou daquele assunto, a fim de influenciar a opinião do público àquele determinado rumo;
- *Selection ou framing*: é cortar o pedaço “estragado” do bolo e jogar fora, ou seja, editar as informações, de forma que só vá a público o favorável ao propagandista⁶⁹;

⁶⁷ “... Uma técnica padrão de construção de crenças é fazer alguma coisa em seu próprio interesse e então construir um quadro no qual isso se torna a coisa certa a fazer.” CHOMSKY, Noam. **Propaganda e consciência popular**. Bauru, SP: EDUSC, 2003b, p. 258. “An essential characteristic of propaganda is that it rarely tells the whole truth” TAYLOR, 2003, p. 10

⁶⁸ HOLSTI, 1988[1967], p. 201-2

- *Bandwagon*: técnica que apela para a vontade de pertencer do ser humano. Utiliza imagens e elementos para fazer com que o espectador sinta que se ele não participar daquele movimento ou não pensar daquela maneira, ele será minoria;
- *Frustration scapegoat*: escolher um bode-expiatório e fazer dele um inimigo contra o qual todos devem se unir para enfrentar (política externa bonapartista). No caso da Alemanha nazista, o bode-expiatório foram os judeus. Os Estados Unidos já tiveram como bodes-expiatórios os soviéticos, Saddam Houssein, talibãs, Afeganistão, terrorismo e armas nucleares em geral e, atualmente, o Irã. Com um inimigo potencializado, a opinião pública não vê outra saída a não ser estar do lado do seu Estado.

Um bom exemplo que mistura *glittering generalities*, *selection*, *bandwagon* e *frustration scapegoat*, analisado por Noam Chomsky, é o slogan “Support our Troops”, criado pela Propaganda norte-americana durante a Guerra do Golfo e reutilizado na Guerra do Iraque. A partir da frase criada, a população norte-americana se comoveu, fez cartazes e foi às ruas. Atualmente, há montagens de vídeos com fotos e a mensagem de apoio às tropas criadas e divulgadas no site *Youtube* pelos próprios cidadãos. O slogan foi criado pelo governo e os meios de propagação da frase se deu pela comoção popular.

“Apoie nossas tropas”. Quem pode ser contra? É claro que existe uma questão por trás disso que é a seguinte: você apoia a nossa política? Mas essa é uma pergunta que não pode ser feita porque você não quer que a população reflita sobre isso. E este é o ponto principal da boa propaganda. Você deve criar um *slogan* de que ninguém discorde, e todo mundo seja a favor [...] Seu valor crucial é desviar a atenção da questão principal que é: você apoia nossa política? É sobre ela que você não pode falar. Portanto você mantém as pessoas ocupadas discutindo sobre o apoio às nossas tropas. Quem seria capaz de dizer: “É claro que eu não apoio as nossas tropas”? Então você venceu⁷⁰

⁶⁹ "Just as Luther adopted the newly practical printing press to protest against the Catholic Church, and the American revolutionaries synchronized their beliefs using the postal service that Benjamin Franklin had designed, today's dissident movements will use any means possible to frame their views and coordinate their actions [...] Authoritarian governments stifle communication among their citizens because they fear, correctly, that a better-coordinated populace would constrain their ability to act without oversight" SHIRKY, 2011

⁷⁰ CHOMSKY, 2003a, pp. 23-24

Além de desviar a atenção da opinião pública para apoiar ou não as tropas, sem pensar nos motivos e razões da guerra em si, o “Support our Troops” - assim como outras campanhas de diversos países, do Ocidente e do Oriente – faz com que qualquer pessoa que discorde da mensagem sinta-se excluída da sociedade ou daquele grupo social⁷¹. O *bandwagon* pode dar origem ao que em Teorias da Comunicação chama-se Espiral do Silêncio.

Mas como as pessoas estão marginalizadas e distraídas e sem qualquer forma de se organizar ou de articular seus sentimentos, ou mesmo de reconhecer que outros também têm os mesmos sentimentos, as pessoas que preferem os gastos sociais aos gastos militares, aquelas que reagem nas eleições, como tantas efetivamente fizeram, acham que são os únicos com estas ideias despropositadas na cabeça. Elas não as escutam de ninguém mais. Supostamente ninguém pensa nelas. Se mesmo assim você insistir em manifestar essas opiniões nas pesquisas ficará se achando uma pessoa esquisita. Como não é possível compartilhar esses pensamentos com outras pessoas que poderiam ajudar a elaborá-los e reforçá-los, você fica se sentindo um estranho no ninho. Portanto fica de fora e deixa de prestar atenção no que está acontecendo. Passa então a se preocupar com outras coisas como por exemplo o Superbowl.⁷²

Há um efeito similar de *bandwagon* com outra campanha propagandística norte-americana, o “Soldiers come home”. Voltando do Iraque, soldados gravaram suas recepções pelas famílias, o que rendeu um trabalho de edição com diversas cenas emocionantes. Os soldados publicaram o resultado na internet e os próprios internautas se encarregaram da distribuição do conteúdo. Além de ser um *bandwagon* – é claramente um *outsider* aquele que não sentir pena da criança que espera seu pai ou do soldado que ficou longe da família, etc. –, a peça propagandística afeta emocionalmente qualquer pessoa que tiver pai, irmão, marido, namorado, filho, mesmo que não seja americano ou não tenha alguma relação com as forças militares americanas. A propaganda é verdadeira. Não é mentira que aquelas famílias e soldados sofreram. Mas a comoção e o efeito de *bandwagon* é tão eficaz, que o “webespectador” sequer chega ao ponto de questionar por que esses soldados

⁷¹ Vale mencionar, porém sem aprofundamento, que esses tipos de propaganda, como “Support our Troops” ou “Soldiers come Home” também têm um apelo propagandístico para os próprios soldados que estão em campo, ou para os futuros recrutas, pois o Estado precisa de soldados motivados. “Soldiers fight better if they know that their families, friends and the civilians who are waiting for news of their deeds from afar support their actions” TAYLOR, 2003, p. 13

⁷² CHOMSKY, 2003a, p. 28

tiveram de deixar suas famílias para ir ao Iraque e o quanto as famílias do outro lado também sofreram.

Ressalta-se, no entanto, que Holsti listou as técnicas da Propaganda descritas no início desta seção ainda no século passado⁷³. A Propaganda renova-se e cria novos meios e focos de atuação. No Século XXI e na virada da nova década, a tendência são assuntos sociais, econômicos e financeiros serem cada vez mais o foco dos propagandistas, antes ainda do que o aspecto militar, principalmente em países emergentes.

Todo o histórico da Propaganda e sua característica manipuladora atribuíram a essa instituição um caráter de ser algo necessariamente mau, quando o que há de ruim na Propaganda são, de fato, as intenções do propagandista. Harold Lasswell, com seu livro *Propaganda Technique in the World War*, de 1927, pode ter contribuído para essa associação entre Propaganda e maldade⁷⁴. Na realidade, a Propaganda em si é apenas um instrumento, uma forma, de comunicar aquilo que se quer comunicar, de fazer uma argumentação e aumentar o poder de convencimento.

Propaganda is simply a process by which an idea or an opinion is communicated to someone else for a specific persuasive purpose [...] There is no real point [...] in making moral judgements concerning whether propaganda is a 'good' or a 'bad' thing; it merely is.⁷⁵

Há formas boas e ruins de utilizá-la, para causas boas e ruins. Como o uso desse instrumento atrelado a guerras e a ideias que vão na contramão da paz é recente (como no caso da Propaganda nazista), realmente o uso da Propaganda ainda é necessariamente visto como algo do mal.

It is important [...] to remember that because the cult of war is much older than the cult of peace, propaganda designed to get people to fight is a much older process than the relatively underdeveloped form of propaganda designed to get people to fight for peace.⁷⁶

⁷³ Taylor aponta mais um: o eufemismo, utilizado no gerenciamento de crises. “*The euphemism business is, of course, a response to the bad smell but merely serves to add more layers obscuring the reality*” TAYLOR, 2003, p. 7. Na realidade, o eufemismo de Taylor é uma variação para o *framing* de Holsti

⁷⁴ “*actual propaganda has a large element of the fake in it*” LASSWELL, Harold D., 1971 apud SEIDMAN, 2008, p. 7

⁷⁵ TAYLOR, 2003, pp. 7-8

⁷⁶ *Ibid.*, p. 9

Porém a discussão para uma possível utilização da Propaganda para promoção da paz (a verdadeira, não a “paz democrática norte-americana”) pode entrar na pauta da segunda década do século XXI (e demais décadas seguintes). Só dependerá da boa vontade dos propagandistas⁷⁷.

1.6 Desafios para a Propaganda no Século XXI

Além de lidar com o constante desafio da evolução da opinião pública, a virada da década deixa para a Propaganda a tarefa de se adaptar às mídias sociais, cada vez mais expressivas e relevantes na troca de informação. “The challenge for today’s propagandists/censor, therefore, is to gain control of information at source”⁷⁸. Essas novas ferramentas podem ser utilizadas em favor da propaganda do Estado – como nos casos do “Support our troops” e “Soldiers come home”, em que os próprios internautas se encarregaram da distribuição da mensagem propagandística – ao mesmo tempo em que abre um espaço inédito até este século para a contestação dessas mesmas mensagens propagandísticas estatais.

The dilemma is created by new media that increase public access to speech or assembly; with the spread of such media, whether photocopiers or Web browsers, a state accustomed to having a monopoly on public speech finds itself called to account for anomalies between its view of events and the public's. The two responses to the conservative dilemma are censorship and propaganda. But neither of these is as effective a source of control as the enforced silence of the citizens. The state will censor critics or produce propaganda as it needs to, but both of those actions have higher costs than simply not having any critics to silence or reply to in the first place. But if a government were to shut down Internet access or ban cell phones, it would risk radicalizing otherwise pro-regime citizens or harming the economy.⁷⁹

⁷⁷ Uma discussão a respeito do papel *good* ou *evil* da Propaganda é feita na introdução e no epílogo de *Munitions of the Mind*, de Philip M. Taylor (op. cit.), 2003. Taylor inclusive defende que, em qualquer conversa, a tentativa de convencimento pessoal já é uma pequena forma de Propaganda. “*Communication with a view to persuasion is an inherent human quality. It can take place in a private conversation or a mass rally, in a church or cinema, as well as on a battlefield*” TAYLOR, 2003, p. 7. O autor analisa também a origem da palavra “Propaganda” e compara seu uso nas ciências sociais e nas biológicas, em que é meramente vinculada a propagação de germes. “*Propaganda thus becomes a process for the showing, germination and cultivation of ideas, as such, is – or at least should be – neutral as a concept. The problem is that human beings frequently inject morality into processes*” TAYLOR, 2003, p. 2

⁷⁸ Ibid., p. 11

⁷⁹ SHIRKY, 2011

As novas mídias, são portanto, vias de duas mãos. Elas concedem poder suficiente ao cidadão comum para enfraquecer um Estado – foi o caso da queda de Hosni Mubarak, no Egito, que contou com forte envolvimento popular por meio das mídias sociais. Por outro lado, as mesmas mídias, quando bem utilizadas pelos propagandistas dos governos, podem fortalecer a Propaganda estatal, como explicitado no início desta seção. “Activists in both repressive and democratic regimes will use the Internet and related tools to try to effect change in their countries, but Washington's ability to shape or target these changes is limited”⁸⁰. Shirky (2011) acredita que o poder do governo norte-americano de manipular o conteúdo de mídias sociais é limitado. Isso pode ser verdade hoje, quando essas mídias são novidade e envolvem surpresas ainda não exploradas⁸¹. Mas é arriscado fazer essa afirmação com tanta certeza para as próximas décadas. Assim como a opinião pública, as mídias (e agora as sociais) e a Propaganda evoluem⁸², a Inteligência (principalmente norte-americana) também evolui⁸³. É o que trataremos no próximo capítulo.

⁸⁰ Ibid.

⁸¹ “*The communications age has produced its revolution in the pace and complexity of international affairs and the speed and depth of information needed. More has to be spent on making intelligence quicker*” HERMAN, Michael. **Intelligence Power in Peace and War**: 11. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, pp. 346-7

⁸² “... *The most effective propaganda as it has evolved through the ages now bases itself upon 'facts' and credible arguments*” TAYLOR, 2003, p. 15

⁸³ “*Será que eles conseguem inventar maneiras, como eles já devem estar tentando, de planejar um acesso de forma que todo mundo, com exceção dos usuários mais dedicados, sejam guiados por caminhos que levam você aonde eles querem que você vá, não aonde você quer ir?*” CHOMSKY, 2003b, p. 174

2. A ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA EM UM MUNDO ANÁRQUICO

2.1 Por que estudar a Inteligência

Historicamente, a atividade de Inteligência é associada a guerras e nações rivalizadas. Essa atividade ficou banalmente associada a espões e a ideia de espões relaciona-se com rivalidade. Realmente, até o século passado era correto presumir que a Inteligência de um determinado Estado estava exclusivamente voltada para os países ditos hostis e contra organizações de ideologias antagônicas ao interesse estatal.

Com o fim da Guerra Fria⁸⁴, no entanto, esse cenário mudou. Inclusive a noção de segurança estatal foi substituída.

Desde os anos 1970 e 1980, muitos autores e comissões internacionais vinham falando dos problemas associados à segurança social, à segurança ambiental, à segurança global (ameaça de holocausto nuclear), à segurança alimentar e à segurança individual (fosse ela ameaçada pela doença, pelo crime ou pela repressão estatal). Com o final da Guerra Fria e a intensificação dos debates sobre desenvolvimento sustentável no começo da década de 1990, a inclusão de novos temas na agenda de segurança foi reivindicada a partir desse conceito sintético de segurança humana.⁸⁵

Porém, antes da percepção dessa nova agenda de segurança, chegou a ser questionada a real necessidade de se manter os serviços secretos nos governos no novo cenário que surgia⁸⁶. Nos Estados Unidos, por exemplo, a partir da década de 1990, os investimentos em Inteligência começaram a diminuir.

⁸⁴ “No início da década de 1990, a agenda do sistema internacional pós-Guerra Fria voltava-se para formas não-violentas de conflito – como a competição econômica – e para questões pouco comuns à ‘alta política’, com destaque para a proteção ao meio ambiente, os processos de integração econômica e os direitos humanos. Claro que a inteligência teve que direcionar seu foco para esse novo cenário, com novas prioridades e reestruturação de métodos e técnicas de obtenção de dados e produção de conhecimento” TODD & BLOCH, 2003 apud GONÇALVES, Joanisval Brito. **Sed quis custodiet ipso custodes? O controle da atividade de inteligência em regimes democráticos: os casos de Brasil e Canadá.** Tese de doutorado em Relações Internacionais, Brasília: Universidade de Brasília, 2008, p. 109

⁸⁵ CEPIK, 2003, p. 146

⁸⁶ GONÇALVES, 2008, p. 109 “(...) By the end of the 1990s, a ‘peace dividend’ – a reduction of some 30 per cent in intelligence budget – had been implemented, based on explicitly optimistic assumptions about a new and inherently benign chapter in world affairs” TODD & BLOCH, 2003 apud GONÇALVES, 2008, p. 110

After the Cold War, intelligence resources went down as requirements went up (since the country faced a new set of high-priority issues and regions). At the end of the 1990s there was an uptick in the intelligence budget, but the system was still spread thinner over its targets than it had been when focused on the Soviet Union. Three weeks before September 11, the director of central intelligence (DCI), George Tenet, gave an interview to *Signal* magazine that now seems tragically prescient. He agonized about the prospect of a catastrophic intelligence failure: “Then the country will want to know why we didn't make those investments; why we didn't pay the price; why we didn't develop the capability”.⁸⁷

A importância de se estudar Inteligência atualmente se dá inclusive para definir quais são seus campos prioritários de ação, tarefa abrangente, vasta e pouco precisa no cenário internacional vigente. Até o século passado, a máxima “Total war needed total Intelligence”⁸⁸ era válida. Atualmente coloca-se, então, o questionamento de que, se não estamos em guerra total, qual o grau de Inteligência necessário?

Em tempos de relativa estabilidade, o foco torna-se menos preciso, dificultando a identificação de quais eventos ou países ameaçam a segurança nacional e os interesses do Estado, o que resulta em um esforço de coleta disperso, que atinge desde potenciais ameaças até poderes rivais atualmente aliados.⁸⁹

Na virada para a segunda década do Século XXI, a boa Inteligência⁹⁰ deve abarcar desde grupos terroristas, Estados hostis e aliados a economia, comércio, migração, meio ambiente, armas nucleares, petróleo, para citar os temas mais correntes. “In the past, military strength was at the heart of our political influence [...] Economic and social strengths will in many ways become the primary determinants of world influence”⁹¹.

A ciência das Relações Internacionais classifica o mundo atual como anárquico, o que torna a atividade de Inteligência mais complexa, como anteviu Boren (1992): “As the world becomes multipolar, more complex and no longer

⁸⁷ BETTS, Richard K. Fixing Intelligence. *Foreign Affairs*, vol. 81, no. 1, jan.-fev., 2002

⁸⁸ HERMAN, 2006 apud OLIVEIRA, Marcel Carrijo de. **A democratização tardia da inteligência na Argentina e no Brasil**. Dissertação de mestrado em Relações Internacionais, Brasília: Universidade de Brasília, 2010, p. 26

⁸⁹ SHULSKY e SCHMITT, 2002, e LOWENTHAL, 2003 apud OLIVEIRA, 2010, p. 32

⁹⁰ “*Information had always been a crucial ingredient of military tactics and strategy, whether relating to weather or terrain or intelligence about enemy troop sizes, movement and morale*” TAYLOR, 2003, p. 298

⁹¹ BOREN, D. L. The Intelligence Community: How Crucial?. *Foreign Affairs*, vol. 71 no. 3, summer, 1992

understandable through the prism of Soviet competition, more intelligence – not less – will be needed”⁹².

Em tese, em qualquer contexto histórico que atue, um bom estadista deve antever as reações dos outros governos para planejar suas ações e políticas, o que demanda boa Inteligência.

Quanto mais poderoso um ator internacional, seja ele uma cidade-estado do Mundo Antigo ou uma grande potência moderna, mais necessidade tem de informações que lhe permitam conhecer as ameaças a sua segurança e orientar o processo decisório em suas relações no sistema internacional.⁹³

As incertezas e indefinições (sejam políticas, econômicas, militares, ambientais, etc) do cenário internacional anárquico fazem com que os *policy-makers* tenham menos informações precisas e necessitem de mais Inteligência. Além disso, esteja o Estado em conflitos ou não, a Inteligência tem funções que vão além da guerra.

Embora possa ser decisiva em certos momentos especiais na guerra e na paz, em geral os governos contam com a inteligência para reduzir a incerteza nas decisões sobre política externa, defesa nacional e ordem pública, para aumentar a segurança nacional e para posicionarem-se melhor no sistema internacional.⁹⁴

Ao passo que a Inteligência se torna uma atividade mais complexa neste início de século, ela é cada vez mais necessária para os estadistas. O papel dela no mundo “estável” é prevenir contra as surpresas da paz⁹⁵, cujos focos são mais difíceis de prever e delimitar do que em uma guerra, com inimigos definidos. “Even today there are those in the intelligence and foreign policy establishment who long for the old days of the Cold War because its challenges were easier to define”⁹⁶.

Cepik (2003) cita que há pelo menos oito motivos que justificam a importância da Inteligência em tempos de guerra ou de paz. Ela contribui para tornar o processo decisório governamental mais racional e realista, menos baseado em

⁹² Ibid. Fato curioso a mencionar é que quase essa frase exata foi dita também para a Propaganda, em TAYLOR, 2003[1990], p. 320, ao mencionar sobre as mudanças do Século XXI: “... *We need more propaganda, not less*”

⁹³ GONÇALVES, 2008, p. 16

⁹⁴ CEPIK, 2003, p. 67

⁹⁵ HERMAN, 2008, p. 154

⁹⁶ BOREN, 1992

intuições e convicções e mais baseado em fatos e informações; aumenta o nível de especialização dos tomadores de decisões e das organizações; auxilia decisivamente no planejamento de capacidades defensivas e o desenvolvimento e/ou aquisição de sistemas de armas, de acordo com o monitoramento das inovações e dinâmicas tecnológicas dos adversários; subsidia negociações diplomáticas a partir da obtenção de informações relevantes; fomenta o planejamento militar e a elaboração de planos de guerra, além de fornecer informações a operações militares de combate e operações de paz, assistência, missões técnicas etc.; alerta os responsáveis civis e militares contra ataques surpresa, surpresas diplomáticas e crises políticas internas; monitora alvos e ambientes externos prioritários para reduzir incerteza e aumentar conhecimento e confiança, especialmente no caso de implementação de tratados e acordos internacionais; e, no caso da contrainteligência, preserva o segredo sobre as necessidades informacionais do acesso pelo adversário⁹⁷. Portanto, seja tempo de paz, seja tempo de guerra, sempre há motivos para um governante investir em Inteligência.

[...] A construção de serviços de inteligência pode ser interpretada em parte como um resultado direto do puro cálculo estratégico de governantes perseguindo fins previamente dados (vencer a guerra e ampliar sua dominação) e, em parte, como uma resultante mais ou menos imprevisível do esforço desses mesmos governantes para adequarem seus fins a um contexto situacional que precisava ser mais bem compreendido e no qual seu próprio papel enquanto sujeitos políticos interessados era pouco claro.⁹⁸

Além disso, há o fator prestígio. Assim como arsenal militar, economia forte e expansão territorial, ter uma Inteligência consistente confere poder ao Estado. “Intelligence power has some effects as a force in being”⁹⁹. Inteligência adjudica ao Estado poder de barganha e “autoestima” (ou segurança), duas ferramentas essenciais para o poder em si. Por isso é importante a continuidade dos estudos sobre essa instituição.

⁹⁷ CEPIK, 2003, pp. 65-8

⁹⁸ Ibid., p. 88

⁹⁹ HERMAN, 2008, p. 191

2.2 Breve histórico

Em geral, há duas etapas e dois tipos de Inteligência: aquela voltada para a segurança interna dos Estados, cujas investigações se dão dentro do próprio povo do Estado, a fim de coletar dados sobre grupos ideológicos e movimentações desfavoráveis ao governo em vigor; e a Inteligência voltada para os outros Estados, que, além de segurança do seu próprio povo, também tem como objetivo calcular e tomar conhecimento de como é a percepção de outros Estados sobre seu governo.

Até o final do Século XVIII a Inteligência (ou espionagem, à época) servia para colher informações de Estados e povos inimigos. A não ser por registros como no caso da Inquisição, não havia espionagem com foco na população doméstica dos Estados. Essa prática começou a crescer a partir da Revolução Francesa (que tem como data marco 1789). “A partir da Revolução Francesa, o elemento ideológico na atuação dos órgãos de segurança ganha força. Os serviços secretos passaram a ser usados como arma fundamental no aparato ideológico e repressor do Estado”¹⁰⁰.

A espionagem é considerada uma das três profissões mais antigas do mundo. A Inteligência na forma de espionagem existe desde épocas em que não se tem registro¹⁰¹. No entanto, foi no Século XX, o século das três Guerras, que ela ganhou forma de instituição.

No século XX, assim como o mundo alcançou um grau sem precedentes no desenvolvimento das relações internacionais, também houve o surgimento e o fortalecimento dos serviços secretos, das técnicas de reunião de dados e do conhecimento produzido como inteligência. E a História das Relações Internacionais no derradeiro século do milênio é permeada pela atividade de inteligência. Dos informes produzidos pelos gabinetes de guerra no conflito de 1914-1918 às atividades da comunidade de inteligência na luta contra o terrorismo e as novas ameaças do final do milênio, passando pelos grandes casos de espionagem do entre-guerras, pela luta nas sombras da II Guerra Mundial e pela intensidade do emprego da inteligência no conflito bipolar, a segunda profissão mais antiga do mundo marcou presença em cada dia do século XX, afetando a conduta dos atores no cenário internacional. Isso

¹⁰⁰ HUGHES-WILSON, 2005 apud GONÇALVES, 2008, p. 36

¹⁰¹ Sobre o histórico da espionagem com mais detalhamento ver GONÇALVES, 2008, pp. 16-108

sem falar da inteligência a serviço de grandes corporações internacionais ou mesmo de organizações não-governamentais.¹⁰²

Também foi no Século XX, após a II Guerra Mundial, que a Inteligência se atrelou à condução das políticas externas e interna dos Estados.

Com o término do conflito, a atividade de inteligência havia se incorporado ao processo decisório de governos e aos instrumentos fundamentais de defesa interna do Estado – e por que não, da sociedade. Com a Nova Ordem Internacional que se estabelecia, perguntava-se se a inteligência continuaria tão importante nas relações entre os Estados. A resposta viria com o desencadeamento da Guerra Fria.¹⁰³

Logo em seguida, então, a Guerra Fria foi considerada por Hughes-Wilson¹⁰⁴ como uma Guerra de Inteligência. Foi um período abastado em capacitação de Inteligência humana e em desenvolvimento tecnológico de coleta e processamento de informações. A partir de então, não seria mais possível para um Estado, principalmente as grandes potências, sobreviver sem Inteligência. Ela estava, agora, acoplada à política externa dos Estados. “... Com bomba ou sem bomba, os países teriam que vigiar-se 24 horas por dia, num jogo de somar, dividir e multiplicar cujo resultado final deveria ser zero, justamente o escore que garantiria o equilíbrio e a sobrevivência do planeta”¹⁰⁵.

2.3 Desafios da Inteligência para o Século XXI

A Inteligência sempre foi necessária em tempos de guerra porque ela promove um uso eficiente da força¹⁰⁶. Mas, neste século, o uso da força nem sempre será a resposta para os problemas e ameaças externas e internas. O combate ao terrorismo, por exemplo, necessita, em tese, antes de boas investigações do que do uso da força¹⁰⁷. Como discutido no início deste capítulo, outros temas ganham

¹⁰² GONÇALVES, 2008, p. 57

¹⁰³ Ibid., p. 70

¹⁰⁴ “*The Cold War was the first intelligence war. (...) For the first time intelligence meant ‘operations’.* (...) *The Cold War was an intelligence war. In this it changed the nature of war*” HUGHES-WILSON, 2005 apud GONÇALVES, 2008, p. 72

¹⁰⁵ FIGUEIREDO, Lucas, 2005 apud GONÇALVES, 2008, p. 71

¹⁰⁶ “*A superioridade informacional proporcionada pelas dinâmicas operacionais da atividade de inteligência permite, ao menos em tese, uma gestão mais eficiente dos recursos humanos e dos materiais, aumenta a sobrevivência das forças em combate (survivability) e contribui para o bom desempenho das funções de comando*” CEPIK, 2003, pp. 65-6

¹⁰⁷ HERMAN, 2008, p. 152

espaço na agenda da Inteligência e dos estudos estratégicos, como direitos humanos, meio ambiente, economia e comércio, etc.

Certos temas de relações internacionais, não diretamente ligados à dinâmica do combate ou aos aspectos logísticos e estratégicos, tais como a economia da proliferação de armamentos – desde minas antipessoais e armas ligeiras até armas químicas, biológicas e nucleares (WMD) – ou a aplicação de justiça em casos de crimes contra a humanidade, são claramente uma parte integrante dos estudos estratégicos. De modo geral, temas econômicos, médicos ou ambientais tendem a fazer parte da agenda de pesquisa dos estudos estratégicos quando estão relacionados, ainda que indiretamente, ao uso da força.¹⁰⁸

2.3.1 Meio ambiente

Conforme o meio ambiente e as mudanças climáticas passaram a configurar ameaça aos indivíduos e, conseqüentemente, à segurança nacional e internacional, acordos, cooperações e protocolos começaram a surgir no cenário internacional, com dimensões, inclusive, globais. No entanto, a problemática do meio ambiente vai além de cooperações internacionais e chega a configurar conflito quando se trata de busca por recursos naturais. Tragédias em Estados com pouca infraestrutura, causadas por fatores naturais relacionados ao clima, resultam em migração, que é outra razão para conflitos internacionais e até mesmo guerras civis. “O uso da inteligência para fins ambientais abrangeria também as funções de defesa do patrimônio ambiental e a conseqüente identificação de ameaças à sua integridade ou ao seu usufruto pelo país detentor das reservas”¹⁰⁹. Portanto, a Inteligência especializada em meio ambiente e mudanças climáticas é necessária não somente para estruturar programas de pesquisas, mas para orientar a condução das políticas externas de países, organizações não-governamentais e agências multilaterais.

Mudanças ambientais podem ter conseqüências adversas para a segurança estatal. Disputas sobre recursos naturais não-renováveis ou dificilmente renováveis, tais como mananciais aquíferos, reservas petrolíferas ou estoques pesqueiros, podem redundar em confrontos diretos entre Estados. Além disso, mudanças climáticas globais – aquecimento da temperatura média da Terra, perdas da camada de ozônio, desflorestamento, degradação de terras aráveis, chuva ácida etc. – podem

¹⁰⁸ CEPIK, 2003, p. 147

¹⁰⁹ OLIVEIRA, 2010, p. 36

ter impactos mais ou menos diretos sobre a dinâmica dos conflitos internacionais. As implicações do conceito de segurança ambiental variam conforme o nível de análise (sistêmico, estatal ou individual). Portanto, o liame entre segurança e meio ambiente, do ponto de vista adotado até aqui e que entende segurança como resultando da capacidade de neutralizar pela força ameaças vitais, só se estabelece legitimamente quando a degradação ambiental é um *issue* conflitivo e ameaçador na agenda de atores políticos concretos, e não quando se toma meramente o ambiente – a litosfera, a biosfera, a atmosfera e a estratosfera – como “objetos de segurança” em si mesmos.¹¹⁰

2.3.2 *Economia e comércio*

Temas que desde a década de 1990 têm destaque na pauta de ação dos envolvidos em atividades de Inteligência são economia, comércio e setor financeiro. “Durante a primeira década pós-Guerra Fria, os Estados redirecionariam suas atividades para a inteligência econômica, espionando empresas e projetos mais relacionados à era do ‘Estado de mercado’ que do ‘Estado territorial’”¹¹¹. Acadêmicos americanos já alertavam, no início da década de 1990, para a importância de se estudar mais a fundo as estratégias de negociação.

Counterintelligence efforts to deter the theft of private American commercial and industrial secrets by other nations must be intensified [...] We need to know at least as much about the game plans of competing countries in the economic arena as they know about ours.¹¹²

Duas décadas depois, o tema ainda figura entre as principais preocupações no rol de alvos da inteligência. No entanto, a espionagem econômica encontra dificuldade para operar e se justificar em países democráticos, por conta da separação entre interesses privados e públicos¹¹³, pois a maioria das relações comerciais internacionais são formadas por trocas entre empresas e corporações da iniciativa privada.

¹¹⁰ CEPIK, 2003, p. 192

¹¹¹ GONÇALVES, 2008, pp. 109-10

¹¹² BOREN, 1992

¹¹³ CEPIK, 2003, p. 148

2.3.3 Anarquia e cooperação

Uma das dificuldades que pode gerar atrito entre os Estados por conta da Inteligência é a omissão do assunto no direito internacional público. Cada país trata o tema da Inteligência de forma própria, deixando para o mundo uma colcha de retalhos de divergências sobre o assunto. “O mundo da inteligência é, de fato, um mundo paralelo, com suas leis e códigos próprios, mas essencial para que se desenvolvam as relações entre os Estados”¹¹⁴. Exceção nessa falta de padronização, a criminalização da espionagem é conduta adotada na maioria dos ordenamentos legais sobre o assunto. “O ato de espionar é uma ação que altera a distribuição de poder internacional e trai a confiança horizontal na qual se baseia a própria cidadania”¹¹⁵.

Por outro lado, temas de interesse comum entre os Estados, como a luta contra o terrorismo, por exemplo, podem ser focos de cooperação em Inteligência. “... The need for intelligence also exists in peacekeeping situations where the UN stance is neutral”¹¹⁶. Neste íterim, é importante ressaltar que a inteligência pode servir a interesses internacionais, como combate ao terrorismo ou verificação de tratados de desarmamento, mas sempre como consequência de interesses nacionais do Estado que inicia o processo cooperativo. O “lucro” de se ter Inteligência cooperativa sobre uma questão internacional é apenas produto do interesse nacional de algum Estado influente. “Intelligence became a form of international diplomacy in its own right”¹¹⁷.

Neste momento, cogita-se: a Organização das Nações Unidas (ONU) pode ser um caminho para uma futura organização de inteligência mundial? Se levar-se em conta as análises de Herman (2008), conclui-se que o máximo que se pode chegar em Inteligência internacional é à definição de normas e regras para a atividade de Inteligência, mas não um serviço mundial que sirva exclusivamente a interesses internacionais. A cooperação internacional em Inteligência apresenta riscos¹¹⁸ e os

¹¹⁴ GONÇALVES, 2008, p. 105

¹¹⁵ CEPIK, 2003, p. 155

¹¹⁶ HERMAN, 2008, p. 157

¹¹⁷ Ibid., p. 203

¹¹⁸ “Every new foreign exchange is a new risk, through intelligence penetration of the foreign agency or its users, its careless handling or public leaking of the material, or its deliberate use of in trading with its other intelligence contacts” Ibid., p. 207

Estados não estão dispostos a criar um órgão de instância maior com poder de decisão sobre espionagem.

2.3.4 Transparência e regimes democráticos

Outro fator que começa a trazer conflito para a Inteligência no primeiro século do novo milênio é a predominância de sistemas democráticos e sua demanda por transparência, tema cada vez mais recorrente em debates sobre democracia¹¹⁹. “... Esse tema revela o quanto a busca por transparência no Estado contemporâneo constitui um dilema no processo de institucionalização”¹²⁰.

Uma das características principais da atividade de Inteligência é o segredo, pois a divulgação precoce de informação pode prejudicar os objetivos políticos governamentais e afetar a segurança nacional.

Por exemplo, sistemas de armas, planos de contingência e mobilização, pesquisa científica e tecnológica de aplicação militar, intenções em negociações de acordos internacionais, desempenho de capacidades defensivas e outras coisas semelhantes, uma vez conhecidas por um adversário ou inimigo, aumentam nossas vulnerabilidades e fornecem uma vantagem comparativa crucial para os adversários nas interações conflitivas.¹²¹

Em Estados democráticos, cujas sociedades exigem transparência das ações dos órgãos públicos e estatais, cria-se um impasse entre segurança nacional, segredo governamental e controle das instituições de Inteligência e segurança.

[...] Como uma agência de inteligência pode atuar de acordo com os valores de um Estado democrático? Em regra, especialmente em democracias recentes, o principal ponto levantado é como controlar uma ação do Estado que requer sigilo, a fim de evitar que o órgão de inteligência cometa excessos devido a uma necessária falta de transparência. A partir do momento em que um dos pilares do Estado democrático, o controle exercido pela sociedade civil, tem imensa dificuldade de ser cumprido, as suas atividades podem ser facilmente questionáveis.¹²²

¹¹⁹ CEPIK, 2003, p. 137

¹²⁰ Ibid., p. 137

¹²¹ Ibid., p. 152

¹²² VIVEIROS, 2009, p. 63

As sociedades de Estados democráticos estão acostumadas com o *accountability*, ou seja, a prestação de contas dos órgãos públicos. As instituições de Inteligência são as únicas que podem não prestar contas e agir com transparência, por causa de sua própria finalidade. Em Estados em que as ferramentas de controle interno (controladorias, corregedorias, sistemas judiciários, etc.) não estão completamente desenvolvidas, evoluídas e, portanto, ainda são corruptíveis, corre-se o risco de o governante utilizar-se das instituições de Inteligência, como único recurso, para benefício próprio. Nesse casos, a Inteligência passa, então, a ser “atividades de governo e não de Estado”¹²³.

Por este motivo, é recomendável que, mesmo com preservação do caráter secreto da atividade de Inteligência, e principalmente de suas informações, o debate sobre essa(s) instituição(s) e seu papel, junto a temas como segurança e defesa, deve ser levado a público e entrar na agenda de debates políticos e políticas públicas¹²⁴.

Certamente há restrições para isso, especialmente aquelas relacionadas ao segredo governamental [...] mas não há motivo para se pensar que tais temas sejam dotados de qualquer tipo de sacralidade que impeça a pesquisa teórica ou empírica nessa área importante de atuação do Estado¹²⁵

Para que o segredo governamental seja compatível com o princípio da transparência e com os interesses da população, os mecanismos institucionais que regulam os fluxos de Inteligência e informação devem ser publicamente estabelecidos e aprovados conforme estabelecido pelo sistema vigente¹²⁶.

¹²³ Ibid., p. 40

¹²⁴ CEPIK, 2003, p. 140

¹²⁵ Ibid., p. 140

¹²⁶ Ibid., p. 152

2.3.5 Contraineligência e cybercrime

Economia e comércio, meio ambiente, migração, etc, são grandes desafios para a Inteligência do Século XXI. Mas nenhum é tão desafiador quanto o que a contraineligência cibernética terá, ou já está tendo, que enfrentar, como evidenciou o caso do *Wikileaks* no final de 2010¹²⁷.

Operações de informação necessitam de ações que atinjam as informações do adversário ao mesmo tempo em que não podem deixar de proteger sua própria informação das mãos do inimigo¹²⁸. Qualquer área da Inteligência em segurança da informação (*infosec*¹²⁹) deve estar em constante atualização e renovação, mas nenhuma tanto quanto na rede mundial de computadores, onde as informações fluem muito mais rapidamente do que no mundo *offline*. Ou seja, o “roubo” de informações confidenciais pela internet também ocorre de forma mais ágil.

O caso do *Wikileaks* é o segundo grande exemplo de fraqueza na Inteligência norte-americana neste novo século (o primeiro foram os ataques de 11 de setembro). A diferença entre os exemplos de 11 de setembro e o *Wikileaks* é que o ponto fraco da Inteligência no segundo caso foi pontual na contraineligência. Na realidade, o que esses eventos demonstram é que qualquer sistema de Inteligência tem seus pontos fracos, inclusive a da maior potência mundial. E, justamente pelo fato de ser a maior potência mundial, é o maior alvo de provocações¹³⁰.

Após os ataques de 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos intensificaram sua inteligência, com foco principalmente doméstico e antiterrorista¹³¹, o que, em longo prazo, pode ter deixado sua contraineligência enfraquecida.

¹²⁷ “*The post-Cold War shift of American military information systems into the civilian domain have thus created new vulnerabilities, encapsulated by the fear of what has been called ‘an electronic Pearl Harbour’*. By extension, the need is now to think of rebuilding former adversaries in terms of an *electronic Marshall Plan*” TAYLOR, 2003, p. 312

¹²⁸ *Ibid.*, p. 310

¹²⁹ “... A principal missão da área de *infosec* é garantir que ‘os outros’ só conhecerão o que quisermos que eles conheçam sobre nós mesmos” CEPIK, 2003, p. 57

¹³⁰ BETTS, 2002

¹³¹ “*Em face do ataque terrorista a Nova York em setembro de 2001, o Pentágono reiterou sua presença de modo mais incisivo, ao ir ao encaço de potenciais ameaças terroristas e mesmo ao aprisionar suspeitos de vínculos extremistas. Assim, as atividades de contraterrorismo incorporaram-*

Neste novo século, o leque de possibilidades de ataque aumenta e não há como prever nem quem é o inimigo, muito menos por onde ele vai atacar. “Threats to national information security are now far less clear than in the Cold War”¹³². Também ficou difícil de prever quais áreas – diplomacia e inteligência externa; guerra e inteligência de defesa; ou policiamento e inteligência de segurança¹³³ – e quais temas devem receber maiores investimentos. “A inteligência é uma das formas de ameaça existentes nas relações internacionais”¹³⁴.

2.3.6 Desvio do sensacionalismo da mídia

Ainda com o exemplo do *Wikileaks*, abre-se uma janela para a discussão sobre a autoridade (ou falta dela) que o segredo governamental e a atividade de Inteligência têm sobre a mídia e sobre a cultura popular. A indicação do site *Wikileaks* ao Prêmio Nobel da Paz 2011 é uma evidência desse fato. “The international media has no respect for national secrets”¹³⁵. Julgar até que ponto tornar uma informação de Estado pública pode ser considerado crime reside no limiar das discussões entre segredo de Estado e transparência. No Brasil, de acordo com o Código Penal Brasileiro, revelar segredos de Estado é crime¹³⁶. No entanto, esse tipo de regramento não existe em âmbito global. Essa falta de regulamentação internacional sobre o assunto torna o caso do *Wikileaks* mais difícil de ser resolvido.

Não é raro vermos jornalistas confundirem inteligência com repressão, inteligência com “bisbilhotar” ou até mesmo inteligência com investigação criminal. Portanto, há que ter cautela com o controle da

se ao seu cotidiano” ARRAES, Virgílio Caixeta. **A potência em crise: os Estados Unidos no início do século XXI**. Brasília: Editora Verdana, 2009. pp. 11-2

¹³² HERMAN, 2008, p. 182

¹³³ Para saber mais sobre as três matrizes organizacionais da inteligência e seus históricos, ver CEPIK, 2003, pp. 91-102. Sobre guerra e inteligência de defesa: “*Relatos sobre o uso de espões militares remontam ao velho testamento da Bíblia, assim como figuram prescritivamente no manual de Sun Tzu sobre a arte da guerra, o Ping-fa, escrito na China no começo do século IV a.C. Na verdade, o reconhecimento do campo de batalha e do inimigo sempre foi considerado um elemento essencial da capacidade de comando do general. Entretanto, desde a época dos especuladores utilizados pelas legiões romanas de César até os corpos de guias usados pelos franceses e britânicos durante as guerras napoleônicas, a inteligência militar foi exercida num contexto institucional que Martin van Creveld (1985: 17-57) chamou de ‘a idade da pedra do comando’*” CEPIK, 2003, p. 95.

¹³⁴ OLIVEIRA, 2010, p. 54

¹³⁵ HERMAN, 2008, p. 181

¹³⁶ VIVEIROS, 2009, p. 50

imprensa devido a um natural desconhecimento do assunto e com o jornalismo sensacionalista.¹³⁷

Inteligência pode ser vista como repressão ou invasão de privacidade¹³⁸ não só por jornalistas. Há todo um consenso cultural sustentado pela falta de conhecimento sobre a atividade de Inteligência e sua importância estratégica para o Estado. Para Cepik¹³⁹, a divulgação de um segredo estatal é aceitável quando o motivo para a discricção não for justificado por razões de interesse público, “ou seja, quando a informação classificada estiver servindo apenas para ocultar uma incompetência, um crime ou um capricho dos governantes e não para proteger os cidadãos de ameaças contra a sua segurança”¹⁴⁰.

¹³⁷ Ibid., p. 50

¹³⁸ “*Em politics democráticas, os serviços de inteligência e segurança recebem poderes extraordinários para proteger as liberdades, os valores e os interesses dos cidadãos. Precisamente por causa desses poderes, tais serviços podem causar danos a essas mesmas liberdades e às instituições democráticas*” CEPIK, 2003, p. 186

¹³⁹ Ibid., pp. 163-4

¹⁴⁰ Ibid., pp. 163-4

3. INTELIGÊNCIA E PROPAGANDA: UM FERRAMENTA DO OUTRO

3.1 Trabalho integrado

Em ambos os capítulos anteriores, respectivamente sobre Propaganda e Inteligência, verificou-se que, resumidamente, enquanto o Século XX foi marcado por guerras, inimigos, ideologias e ameaças bem demarcados, o início do Século XXI apresenta temas diferenciados e um cenário internacional indefinido, com novos desafios para ambas as instituições. Dos anos 1990 para cá a Inteligência não teve como definir apenas alguns poucos focos de atuação e a Propaganda de Estado também não mais se limita a direcionamentos ideológicos e políticos. Embora a proliferação de armas nucleares e terrorismo tomem bastante tempo e recurso de ambos Inteligência e Propaganda, economia, mercado, comércio, direitos humanos, migração e meio ambiente também ganham espaço na esfera de atuação das duas instituições.

Já foi discutido nos capítulos anteriores que o poder de informação e o poder de manipulação são fundamentais para o estadista de uma grande potência. “Those who know more, and can manipulate what others know, have more power [...] Knowledge and ideology structures, it can be argued, are vital frameworks of foreign policy, not merely peripheral additions to it”¹⁴¹. Resta explorar se informação e manipulação caminham de mão dadas e, se a resposta for positiva, de que forma essa relação ocorre¹⁴². Cabe aqui lembrar a união entre essas duas instituições durante a Guerra Fria, quando os alvos deixaram de ser as fábricas, como eram na Segunda Guerra Mundial, para serem torres de rádio e estações de televisão¹⁴³.

¹⁴¹ FARRANDS apud HERMAN, 2008, p. 152

¹⁴² A Guerra Fria pode ser considerada como uma ponte entre as duas instituições, uma vez que foi considerada por Hughes-Wilson (citado no capítulo anterior) como uma Guerra de Inteligência e por Philip Taylor como uma Guerra de Propaganda: “... *In an era where nuclear weapons could readily destroy all human life on the planet, propaganda and psychological operations (as they are now called) have become genuine alternatives to war [...] That is what Cold War was really about, as are indeed many of the contemporary ‘information wars’ which now accompany international crises*” TAYLOR, 2003, p. 8.

¹⁴³ Ibid., p. 300

O grande questionamento deste capítulo é, portanto, se os temas de Propaganda Estatal partem, coincidem, são reflexos ou se são definidos pelos então alvos de coleta de informação da Inteligência. Inicia-se a elucidação dessa questão com o seguinte raciocínio: como vimos nos capítulos anteriores, a Propaganda existe basicamente para manipular as ações e políticas dos outros. É difícil realizar uma operação de manipulação sobre um determinado público se não se tem informações sobre a cultura desse público. Se a Propaganda for direcionada a outro Estado, ela só será efetiva se o propagandista tiver informações suficientes sobre a cultura, economia, arsenal militar, políticas e ideologias daquele estado. Daí a importância da Inteligência, como ferramenta da Propaganda, neste caso. “It is difficult to assess the general capacity of a state to control the actions and policies of others unless we also have some knowledge of the capabilities involved”¹⁴⁴.

Há outra hipótese que pode sustentar a relação entre Inteligência e Propaganda. Alguns estudiosos da Inteligência entendem essa instituição como uma forma de influenciar, mesmo que parcialmente, o governista.

Intelligence is produced to influence government action, however remotely [...] Thus intelligence is at the mercy of user’s unpredictable attitudes towards it; but it tries to make its own luck with them through persuasion, personal relations and marketing. One purpose of some routine intelligence output is to get users accustomed to it and build up credibility for the future.¹⁴⁵

Se essa ideia se confirma, tem-se então a relação: Inteligência influencia políticas do governo¹⁴⁶, que, por sua vez, define as ações, temas e alvos da Propaganda. “Intelligence not only optimizes but also determines the nature of operations and campaigns as well as the outcomes”¹⁴⁷. É a Propaganda como ferramenta da Inteligência. “Intelligence can sometimes determine the way in which wartime campaigns are fought”¹⁴⁸.

¹⁴⁴ HOLSTI, 1988, p. 144

¹⁴⁵ HERMAN, 2008, pp. 137-140

¹⁴⁶ “... *Intelligence producers are in the business of educating their masters*” *ibid.*, p. 144

¹⁴⁷ *Ibid.*, p. 147

¹⁴⁸ *Ibid.*, p. 381

Outra relação encontrada parte da afirmação de que uma das inúmeras funções da Propaganda é desestabilizar o governo rival¹⁴⁹ e isso só pode ocorrer com eficiência se há informações suficientes sobre o rival. Este é um exemplo de Inteligência e Propaganda trabalhando em conjunto. Um como ferramenta do outro. Seja para atacar, ou se fazer de vítima. “As with espionage and embassy operations, accusations of intrusive technical collection were useful propaganda sticks with which to beat the enemy”¹⁵⁰. Neste caso, é a contrainteligência que tem que ser eficaz.

Tanto a Propaganda quanto a Inteligência influenciam e são influenciadas pela política internacional. Há uma relação de reciprocidade entre as duas instituições e delas com as relações internacionais.

3.2 Efeitos e temas

Os capítulos anteriores trataram Propaganda e Inteligência separadamente. Uma conclusão, coincidente ou não, nos dois capítulos, no entanto, é o fato de que ao passo que o cenário internacional fica mais complexo, os temas de ação, tanto da Inteligência como da Propaganda, ficam desfocados e incertos. O mesmo ocorre com os efeitos dessas duas atividades, que acabam ficando mais difusos. “... In peacetime the effects are more diffuse than in war, and success and failure are themselves often debatable”¹⁵¹. Não fossem tão difusos no cenário internacional atual, os efeitos de ambos Inteligência e Propaganda seriam basicamente otimização da força nacional e influência internacional, mesmo que em escalas diferentes para cada atividade.

Economia é um exemplo de similaridade de focos entre Inteligência e Propaganda. Economia está presente tanto na pauta da Inteligência quanto na de Propaganda, de forma emparelhada. No caso da Inteligência, o Estado precisa de informações precisas para tomar decisões em relações a parceiros, negócios, investimentos e para avaliar a aplicação de sanções e embargos.

¹⁴⁹ OLIVEIRA, 2010, p. 54

¹⁵⁰ HERMAN, 2008, p. 190

¹⁵¹ Ibid., p. 152

A década de 1990 testemunhou os apelos de especialistas e estudiosos por reformas na inteligência que revertessem o investimento em informações de cunho ideológico-militar para os temas econômicos [...] envolve a obtenção de informações privilegiadas que favoreçam a realização de negócios mais favoráveis ao Estado ou empresas por ele apoiadas, inclusive por meio de apoio à diplomacia em negociações internacionais.¹⁵²

Tendo definidos os parceiros e os negócios a serem feitos, a Propaganda entra em cena para criar o cenário ideal de sedução e convencer o outro Estado a fazer o acordo da forma como o propagandista – com ajuda das informações coletadas – planejou ser o ideal. “Multinational corporations not only disseminate commercial advertising but work on governments and publics, through propaganda campaigns, to try to create a better ‘climate’ for investment and operation”¹⁵³.

Os programas de assistência a países mais pobres ou vítimas de tragédias são exemplos que abarcam economia e direitos humanos. O próprio “Aid” em si já tem apelo propagandístico (“showing the flag”¹⁵⁴) de assistência social aos países mais pobres. E operá-lo demanda Inteligência. “Statistics on aid distributions in the 1980s reveal clearly that *need* as a criterion of aid ranks significantly behind political and strategic considerations”¹⁵⁵. O resultado da assistência são futuras oportunidades comerciais, influência política e possibilidade de coerção por meio do corte da assistência¹⁵⁶.

Como vimos, tanto a Propaganda quanto a Inteligência influenciam e são influenciados pela política internacional. Há uma relação de reciprocidade entre as duas instituições e delas com as relações internacionais em geral. Por isso, Herman não acredita em uma organização global de Inteligência (reflexão feita no capítulo anterior).

¹⁵² SHULSKY e SCHMITT apud OLIVEIRA, 2010, p. 36

¹⁵³ HOLSTI, 1988, p. 192. Para entender a importância da economia na pauta da Inteligência internacional atualmente, citam-se como exemplos os órgãos de Inteligência em economia japoneses (Japan External Trade Organization – Jetro – e Ministry of Economy, Trade, and Industry – METI – este que substituiu o antigo Ministry of International Trade and Industry – MITI), enquanto que a Inteligência do Japão em outros assuntos, como políticos e militares, é reconhecidamente fraca (RICHELSON, 1988 apud HERMAN, 2008, p. 345)

¹⁵⁴ HOLSTI, 1988, p. 237

¹⁵⁵ Ibid., p. 234

¹⁵⁶ Ibid., pp. 234

However it would be wrong to see long-standing networks of intelligence collaboration and exchanges as altruistic international education. Powers want others to share their world views, and intelligence is one of the influences [...] Consciously and unconsciously intelligence is under international as well as national pressure to support established perceptions.¹⁵⁷

Qualquer ação de cooperação entre Estados, principalmente em Inteligência, tem um viés propagandístico de manipulação, pois, além da Propaganda, a Inteligência e outras cooperações podem ser passíveis da técnica propagandística do *framing*. A Inteligência pode ser ferramenta da Propaganda, neste caso, como forma de influenciar outros países quando em oportunidades de cooperações, e é a Propaganda também instrumento da Inteligência, quando esta apropria-se de uma das técnicas da outra. No final do dia, pode-se utilizar uma palavra para servir de ponte entre as instituições Propaganda e Inteligência: “informação”¹⁵⁸.

¹⁵⁷ Ibid., p. 217

¹⁵⁸ “... Information is power, and whoever controls the flow of information therefore wields power over the recipient” TAYLOR, 2003, pp. 8-9

4. DEMOCRACIA, LIBERALISMO, TERRORISMO, ETC:

A PAUTA DA PROPAGANDA E DA INTELIGÊNCIA OCIDENTAIS PARA O SÉCULO XXI

4.1 Novo cenário?

A partir da Guerra Fria, a Propaganda recebeu uma divisão básica entre Propaganda ocidental e Propaganda oriental. Ainda recentemente percebem-se nuances dessa divisão. Enquanto o liberalismo econômico e político, propriedade privada e democracia preenchem a pauta das promoções do Oeste, a burocracia e noção de propriedade do Estado permeiam os discursos do Leste. De qualquer forma, a diferença do mundo atual para a época bipolar é que hoje, independentemente dos produtos propagandísticos, já não há muito espaço para o comunismo, nem mesmo no oriente.

While the great Western political contribution is democracy, the great contribution of the East is bureaucracy. Whereas liberalism and individual freedom found fertile ground in the West, Asian institutions grew along conservative and collectivist lines. So the West evolved liberal capitalism, and Asia has tilted toward authoritarian capitalism.¹⁵⁹

Desde a Guerra Fria, o esforço norte-americano em promover valores democráticos¹⁶⁰ e de economia de mercado, por meio do *glittering generalities* “liberdade”, já tomava o tempo da Propaganda norte-americana.

From 1946 onwards, and for a period lasting four decades, the rhetoric of the free world and the slave once again came to dominate public discourse about international conflict. The Truman Doctrine of 1948

¹⁵⁹ LINGLE, Christopher. The propaganda way. *Foreign Affairs*, Vo. 74, no. 3, mai.-jun., 1995

¹⁶⁰ “Na visão conservadora daquele período [...] o número de países democráticos era pouco significativo, de maneira que o convívio com ditaduras ou tiranias faria parte do cotidiano da política internacional. Premente se fez a necessidade de dividir, portanto, os países ditatoriais em dois campos, haja vista a impossibilidade de, no curto prazo, migrá-los [...] diretamente para a esfera democrática [...] Sinalizou-se que os países ocidentalizados seriam menos infensos a reformas políticas e econômicas, de modo que a conversão à democracia seria mais provável, mesmo que demorada. A inevitabilidade das ditaduras – ainda mais se localizadas na região médio-oriental – não foi mais aceita pelos formuladores da política externa norte-americana desde o início dos anos 90, porquanto anacrônicas, isto é, resquícios indesejáveis de uma era finda politicamente em favor das democracias liberais” ARRAES, 2009, p. 48

served to narrow this down to a black and white confrontation between two seemingly incompatible ways of life.¹⁶¹

Passados cerca de vinte anos dos conflitos, esses temas ainda deixam ricos os campos para a Propaganda e a Inteligência ocidentais e ganham ainda mais destaque, uma vez que não precisam mais dividir espaço com os esforços exacerbados da Propaganda anticomunista do século passado. Antes de entrar na seção sobre democracia, no entanto, faz-se interessante a ilustração da previsão de Taylor (2003[1990]) sobre o uso da democracia como campanha estatal das democracias ocidentais.

Lord Pononby's belief that "the defilement of the human soul is worse than the destruction of the human body" needs to be re-written to ask whether the injection of democratic values into people's minds is a better guarantee of protecting human rights, respecting minorities and other peoples' differences than bombing them into thinking like "us". This suggests that a simple choice has to be made. That choice is whether to conduct "perception management" operations in support of one set of values at the expense of another. This is not an easy choice to make. It is vulnerable to accusations of "cultural imperialism" or "coca-colonialism", especially if the choice is being made by Washington as the self-proclaimed capital of the democratic world. Non-democracies will accuse the USA of arrogance in assuming that its political system and values are superior to those of others who choose not to adopt the same system and values [...] Only time will tell if the belief that democracies really do prefer trade to war is a valid universal assumption or whether it is in fact an assumption that says more about the American value system than the realities of international affairs or of human nature.¹⁶²

Ou seja, a instalação forçada de democracias em países que até a década de 1990 não lidavam com esse regime pode ser visto como uma forma de imperialismo cultural.

¹⁶¹ TAYLOR, 2002, p. 252. – Na mesma página, Taylor transcreve um discurso de Truman que ilustra sua argumentação: *"One way of life is based upon the will of the majority, and is distinguished by free institutions, representative government, free elections, guarantees of personal liberty, freedom of speech and religion and freedom of politic repression. The second way of life is based upon the will of a minority imposed upon the majority. It relies upon terror and repression, a controlled press and radio, fixed elections, and the suppression of personal freedoms"*

¹⁶² TAYLOR, 2003[1990], p. 314

4.2 Democracia

A democracia é um dos objetos que permeiam a agenda da Propaganda ocidental, principalmente a norte-americana. Os propagandistas norte-americanos do século passado utilizaram sua forma de governo, presente desde a Revolução Americana (1776) – que na realidade é um conceito criado na Grécia antiga – e a ideia fixou-se. Quando perceberam que a estratégia funcionava (*glittering generalities*), o conceito “democracia” – da forma como os norte-americanos a definiam -, ao lado da palavra “liberdade”, passou a ser o centro dos argumentos propagandísticos da potência ocidental para qualquer que fossem suas ações¹⁶³. Utilizam-se o conceito e o argumento da democracia para promover outros consensos norte-americanos pelo mundo, como economia de mercado e liberalismo.

Nos Estados Unidos, o discurso na área de relações internacionais vincula-se à possibilidade de que o americanismo tradicional, ou seja, a livre iniciativa e o livre discurso, estenda-se ao restante do mundo, por causa de sua eficácia em termos materiais, sendo, portanto, de aplicação universal. Deste modo, se o modelo é satisfatório internamente, o país não poderia furtar-se a propagá-lo além-mar, visto que o contentamento de uma população não deveria ficar restrito a um pequeno número de Estados [...] A superioridade estadunidense, refletida em termos de elevação coletiva do bem-estar, deve ser difundida continuamente, não apenas reconhecida ou mesmo aceita e, conseqüentemente, procurada [...] ¹⁶⁴

Quando a estratégia propagandística de promoção da democracia utiliza a técnica dos “aids”, também demanda inteligência de operação, como quando os Estados Unidos e organizações pró-democráticas apoiaram a oposição a Augusto Pinochet no Chile, em 1988.

[...] The approach consisted of providing technical and financial aid to a broad range of local civic and political groups working together to challenge the government through elections. The aid focused on improving local capacity in several, mutually reinforcing ways. First, Western groups helped locals gain the ability to do independent election monitoring, including the capacity to hold parallel vote counts, in order to ensure that citizens could at least learn the real results of elections. Second, they provided backing to independent civic groups, often including dynamic new student organizations, that could foster broad

¹⁶³ Para uma maior reflexão sobre as origens e as variações do conceito de democracia, ver SOUSA, 2006, pp. 6-9

¹⁶⁴ ARRAES, 2009, p. 17

civic engagement in the electoral process. Third, they trained and sometimes provided equipment or other material assistance to opposition parties to help them campaign effectively. And they encouraged these parties to work together and build broad coalitions.¹⁶⁵

Na opinião de William Wallace (2001), a impressão que dá é que os Estados Unidos querem passar a mensagem de que eles são os únicos que podem promover a democracia pelo mundo e que seu modelo de sistema democrático é o único disponível¹⁶⁶. Cabe refletir se atrás das cortinas dessa mobilização em torno da promoção dos valores democráticos em todo o mundo não há um interesse específico¹⁶⁷ além do incentivo à criação de sistemas políticos que apoiem a abertura de mercado.

[...] Although most external democracy activists may indeed be primarily interested in achieving free and fair elections, they also frequently hope that their efforts will increase the likelihood that autocrats will lose office. The motives of U.S. government agencies that fund (but do not specifically direct) many of the democracy groups are similarly complicated, ranging from the principled to the instrumental, depending on the country in question and the officials in charge. Not surprisingly, these subtleties are generally lost on the targets of democracy-promotion drives, who tend to view such efforts as concerted campaigns to oust them, instigated or at least backed by powerful Western governments, especially the United States.¹⁶⁸

No entanto, nem sempre dá certo. Carothers argumenta que, como qualquer tipo de “aid”, seja para promover mudanças políticas, econômicas ou sociais, a promoção da democracia por meio de políticas de incentivo não é um “elixir mágico”¹⁶⁹. “It can help boost existing civic groups and opposition parties. But it cannot create them where they do not exist or strengthen them when they are fundamentally weak”¹⁷⁰.

Além disso, o resultado da implantação de democracia em um Estado não antes democrático pode ser bem diferente do que as expectativas do interessado.

¹⁶⁵ CAROTHERS, Thomas. The Backlash against democracy promotion. **Foreign Affairs**, Vo. 85, no. 2, mar.-abr., 2006

¹⁶⁶ WALLACE, William. Europe the necessary power. **Foreign Affairs**, Vo. 80, no. 3, mai.-jun., 2001

¹⁶⁷ Como, por exemplo, invadir outros Estados, por interesses econômicos na área, sob a alegação da promoção da democracia. “*If modern, liberal, free-market capitalist democracies decide for whatever reason to deploy their armed forces, they cannot do so behind closed doors*” TAYLOR, 2003, p. 311

¹⁶⁸ CAROTHERS, 2006

¹⁶⁹ Ibid.

¹⁷⁰ Ibid.

No one can predict the course a new democracy will take, but based on public opinion surveys and recent elections in the Arab world, the advent of democracy there seems likely to produce new Islamist governments that would be much less willing to cooperate with the United States than are the current authoritarian rulers [...] Assuming that democratic Arab governments would better represent the opinions of their people than do the current Arab regimes, democratization of the Arab world should produce more anti-U.S. foreign policies.¹⁷¹

Mas, se por outro lado, a democracia reduzisse os pensamentos e a cultura antiocidental no mundo Árabe, também não significa que as novas políticas daqueles países seriam em favor dos interesses americanos.

The more democratic the Arab world gets, the more likely it is that Islamists will come to power. Even if those Islamists come to accept the rules of democracy and reject political violence, they are unlikely to support U.S. foreign policy goals in the region.¹⁷²

Ainda conforme argumentações de Gause (2005), o período transitório de um governo para a democracia é muito vulnerável, inclusive em relação às políticas externas, o que deixa o planejamento contra possíveis ameaças diante de uma situação ainda mais imprevisível do que antes.

Outro fato que sugere uma melhor reflexão diante da exacerbada promoção da democracia pelo mundo é rever a associação que o público faz entre o termo “promoção da democracia” e as intervenções e ocupações militares no Iraque iniciadas no governo Bush¹⁷³ e o descrédito em relação aos regimes democráticos¹⁷⁴, que essas ações causaram, por parte das populações afetadas – tentou-se disseminar a democracia no Oriente Médio por meio da força, e não da argumentação¹⁷⁵. “De

¹⁷¹ GAUSE III, F. Gregory. Can Democracy stop Terrorism?. **Foreign Affairs**, Vo. 84, no. 5, set.-out., 2005

¹⁷² Ibid.

¹⁷³ As críticas que George W. Bush faz, no início deste século, às nações ditas hostis são relacionadas à tirania de seus governantes. Porém ele não menciona a Arábia Saudita, por exemplo.

¹⁷⁴ “Os atentados de 11 de Setembro [...] e a crescente onda de tensão expressa na sucessão de ataques terroristas em várias partes do mundo demonstram o desprezo contra a imposição do modelo ocidental democrático-liberal, enquanto reflexo de práticas neo-imperialistas de controle e influência” SOUSA, 2006, p. 15

¹⁷⁵ Importante citar neste momento que não só o Oriente Médio, mas também o leste europeu foi vítima desse tipo de disseminação da democracia, como quando da investida americana no Kosovo. Arraes (2009) aponta que há dois motivos para se entrar em uma guerra: por ganhos ou por temor (defesa). “Na Iugoslávia, nem uma coisa, nem outra; houve o rufar de tambores com o fito maior de promover-se uma guerra de doutrina ou de prestígio. O objetivo foi demonstrar a vontade da única hiperpotência, ávida de assegurar a marcha da democracia neoliberal rumo ao leste europeu por meio da exibição intensa de um poderio militar inigualável” ARRAES, 2009, p. 30

certa forma, o fundamentalismo reforçou-se ao apresentar-se como o vetor da defesa popular ou contraponto ao invasor e, por conseguinte, impulsionar-se em função da postura norte-americana”¹⁷⁶.

Além disso, os ataques verbais que o governo Bush lançou em relação ao Irã¹⁷⁷ e à Síria fez a pauta norte-americana da liberdade parecer hostil¹⁷⁸. Aliás, toda a incongruência entre ações dos Estados Unidos dos últimos 30 anos para cá coloca em xeque a credibilidade da promoção norte-americana da democracia.

The United States first supported Iran in the 1970s as a pillar against communism, then backed Iraq in its war against Iran, then went to war against Saddam Hussein in 1991; it first aided Islamist fighters in Afghanistan against godless communism, then identified Islamic fundamentalism as a global terrorist threat.¹⁷⁹

Ao violar regras internacionais (principalmente as relacionadas à manutenção da paz) e ignorar pareceres da Organização das Nações Unidas¹⁸⁰, o governo George W. Bush manchou a imagem dos Estados Unidos como símbolo da democracia e dos direitos humanos.

Yet the damage has made it all too easy for foreign autocrats to resist U.S. democracy promotion by providing them with an easy riposte: “How can a country that tortures people abroad and abuses rights at home tell other countries how to behave?”¹⁸¹

¹⁷⁶ Ibid., p. 19

¹⁷⁷ Vale recapitular neste momento que Irã e Iraque estão entre as quatro maiores reservas de petróleo no mundo (ao lado de Arábia Saudita e Canadá), enquanto os Estados Unidos ocupam a 14ª posição – dados do CIA World Fact Book [<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/index.html>]

¹⁷⁸ CAROTHERS, 2006

¹⁷⁹ WALLACE, 2001

¹⁸⁰ “... *Through the torture of prisoners and detainees at U.S.- run facilities in Iraq and Afghanistan; the holding of hundreds of persons in legal limbo at Guantánamo Bay, Cuba; the rendition of foreign detainees (sometimes secretly abducted abroad) to foreign countries known to practice torture; the establishment of a network of covert U.S.- run prisons overseas; eavesdropping without court warrants within the United States; and the astonishing resistance by the White House last year to a legislative ban on cruel, inhumane, and degrading treatment of any person in U.S. custody anywhere. Taken together, these actions have inflicted incalculable harm to the United States' image in the world*” CAROTHERS, 2006. Mais um argumento: “*In its first months, his [George W. Bush's] administration shunned nation-building, denounced the Kyoto Protocol, withdrew from the Anti-Ballistic Missile Treaty, and scorned other agreements based on a narrow definition of national interest*” NOSSEL, Suzanne. *Smart Power. Foreign Affairs*, Vo. 83, no. 2, mar.-abr., 2004

¹⁸¹ CAROTHERS, 2006

No caso dos Estados Unidos¹⁸², parece que o maior desafio está nas mãos de Barack Obama e, durante as próximas décadas, nas mãos dos próximos presidentes da potência.

The role of the United States is not to preach democracy to the world but to practice it at home [...] Within a generation, the United States has moved from being a symbol of freedom to being a symbol of oppression. How can it bring democracy to the world if it is not trusted?¹⁸³

Ao lado da democracia e da noção de liberdade econômica, as ideias de economia de mercado, da forma como os Estados Unidos as interpretam – principalmente depois da crise de 2008 - também começam a cair em aviltamento.

Even in its current bastions in the West, the liberal political and economic consensus is vulnerable to unforeseen developments, such as a crushing economic crisis that could disrupt the global trading system or a resurgence of ethnic strife in an Europe increasingly troubled by immigration and ethnic minorities. Were the West to be hit by such upheavals, support for liberal democracy in Asia, Latin America, and Africa -- where adherence to that model is more recent, incomplete, and insecure -- could be shaken. A successful nondemocratic Second World could then be regarded by many as an attractive alternative to liberal democracy.¹⁸⁴

4.3 Terrorismo

O novo milênio foi inaugurado com um evento que evidenciou a falta de sucesso tanto da Inteligência norte-americana quanto da Propaganda americana em projetar os Estados Unidos como uma força mundial para o bem e para a democracia.

¹⁸² Cabe outra reflexão aqui. Em *The foreign policy disconnect. What Americans want from our leaders but don't get*, Page e Bouton (2006) apresentam fatos que corroboram na conclusão de que a maior parte dos norte-americanos é favorável à centralização da economia, segurança social e justiça no bojo da política externa americana. Além disso, as mesmas evidências demonstram que essa maioria americana é favor de ações multilaterais pacíficas de cooperação em detrimento do militarismo unilateral. Essa incongruência entre os tomadores de decisão e a opinião dos cidadãos americanos revela uma fraqueza na democracia americana durante o governo Bush. FARIA, Carlos Aurélio Pimenta de. Opinião Pública e política externa: insulamento, politização e reforma na produção da política exterior do Brasil. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Vol. 51, no. 2: [80-97], 2008, p. 91

¹⁸³ MOÏSI, Dominique. The Land of Hope Again?. **Foreign Affairs**, Vo. 87, no. 5, set.-out., 2008

¹⁸⁴ GAT, Azar. The Return of Authoritarian Great Powers. **Foreign Affairs**, Vo. 86, no. 4, jul.-ago., 2007

O 11 de setembro¹⁸⁵ definiu o tom do mandato de George W. Bush. Não só os serviços de inteligência se voltaram para uma guerra contra o terrorismo, mas o discurso de Bush em favor da liberdade e da democracia ganhou sustentação. “September 11 transformed Bush's foreign policy. Channeling outrage over the attacks, the administration shifted from a detached to a defiant unilateralism. Bush adopted an evangelical, militarist agenda”¹⁸⁶. A pauta norte-americana passou a se resumir a combater o terrorismo, descobrir ameaças e garantir o direito de os Estados Unidos poderem “agir sozinhos”, como bem entenderem. “The early rounds of the propaganda war had clearly gone to the terrorists”¹⁸⁷. Todas as retóricas norte-americanas – direitos humanos, democracia, liberdade – foram pretextos para o unilateralismo¹⁸⁸ e o 11 de setembro contribuiu como “alvará”.

De volta ao poder, a agremiação neoconservadora [sobre a posse do governo Bush] tentou implementar as linhas gerais de suas formulações na área médio-oriental, contudo faltar-lhe-ia a justificativa perante a comunidade internacional. Involuntariamente, o ataque de setembro de 2001 permitiria ao governo norte-americano redefinir sua atuação na região. Após o Afeganistão, duas opções se apresentaram: Irã e Iraque, ambos constituintes do Eixo do Mal.¹⁸⁹

Como vimos no capítulo sobre Propaganda, a técnica de *frustration scapegoat* – potencializar a imagem de um inimigo para fazer do seu líder um herói – funciona neste caso para fins de política doméstica – estratégia bonapartista. “As fascism and communism once did, terrorism and nuclear proliferation today make the liberal internationalist agenda as urgent as ever”¹⁹⁰. Para melhor pincelar a dimensão que o discurso antiterrorista americano ganha nesta primeira década do século, basta citar a forma como a Europa lida com o terrorismo. O velho continente também foi vítima de ataques terroristas (irlandeses, alemães, italianos, curdos,

¹⁸⁵ “Clearly American assertions about being a ‘force for good in the world’ had failed to convince the terrorist network behind the attacks identified as al-Qaeda (‘the base’) led by Osama bin Laden, a Saudi businessman who had been simmering with anti-American resentment since the Gulf War and the arrival of American troops into the Holy Land of Mecca” TAYLOR, 2003, p. 315

¹⁸⁶ NOSSEL, 2004

¹⁸⁷ TAYLOR, 2003, p. 317

¹⁸⁸ “... A just cause none the less has to be marketed to a wider audience in order to justify not so much ‘why they fight’ but rather ‘why we must support them’” Ibid., p. 13

¹⁸⁹ ARRAES, 2009, p. 88

¹⁹⁰ NOSSEL, 2004

algerianos, bascos, etc.)¹⁹¹, porém considera outras formas de resposta a essas ameaças antes do intervencionismo unilateralista.

No European government has initiated programs comparable to U.S. ones; the marginal risks of biological or chemical weapons being deployed in European cities are just not seen as great enough to justify such a response. National missile defense (NMD) also appears to Europeans as a disproportionate response to a distant potential threat, driven by domestic psychology, entrenched economic interests, and policymakers whose underlying agenda is confrontation with China rather than North Korea.¹⁹²

E por que a intervenção dos Estados Unidos no Iraque não é considerada terrorismo?¹⁹³ As ações em nome da segurança e da democracia contradizem o discurso.

The United States was showing a face that appeared radically opposed to the ideas and principles for which Washington had once stood. All four of the pillars that supported U.S. legitimacy in the post-World War II era – its commitment to international law, its acceptance of consensual decision-making, its reputation for moderation, and its identification with the preservation of peace – were now in question.¹⁹⁴

Taylor (2003) compara a guerra ao terror com a Guerra Fria. O 11 de setembro, segundo o autor, é um reflexo de ressentimento anti-americano resultante da – dez anos mais velha – Guerra do Golfo. “... The ‘war’ against international terrorism is a clash of ideas in much the same way as the Cold War was a battle of ideologies”¹⁹⁵. O autor prevê, no início da década passada, que essa batalha entre razão e emoção deixará a Propaganda como protagonista nesse novo meio de formulação de política externa.

[...] The debate over weapons of mass destruction, and whether Iraq might one day supply them to Al-Qaeda, placed the realm of foreign policy into the “what if?” category rather than its more traditional

¹⁹¹ WALLACE, 2001

¹⁹² Ibid.

¹⁹³ “Em tese, desde 1976, proíbem-se nos Estados Unidos assassinios políticos, salvo, na prática, contra nacionais de um país contra o qual se esteja em confrontação. Contudo, operações com mísseis hellfire ou tomahawk, com o fito de eliminar homens-chaves da Al-Qaida, foram efetivadas, além do Afeganistão e Iraque, na Somália [...] e até no aliado Paquistão – onde, na fronteira, se tentou, em 2006, de modo infrutífero, assassinar Ayman Al-Zawahiri. Avalia-se que cerca de 60 países abrigariam voluntária ou involuntariamente suspeitos de terrorismo e, desta forma, encaixar-se-iam na política de eliminação seletiva” ARRAES, 2009, p. 31

¹⁹⁴ TUCKER, Robert W. e HENDRICKSON, David C. The Sources of American Legitimacy. **Foreign Affairs**, Vo. 83, no. 6, nov.-dez., 2004

¹⁹⁵ TAYLOR, 2003, p. 318

pragmatism for dealing with what already happened. This makes it even harder for the propagandists because they are forced to deal with a world as it might be rather than with constructing justification for actions that have already taken place.¹⁹⁶

Tentar separar, neste trabalho, a descrição dos esforços norte-americanos entre aqueles voltados para o terrorismo e os voltados para a promoção da democracia é um desafio quando, na realidade, esses temas estão estritamente relacionados.

The United States is engaged in what President George W. Bush has called a “generational challenge” to instill democracy in the Arab world. The Bush administration and its defenders contend that this push for Arab democracy will not only spread American values but also improve U.S. security. As democracy grows in the Arab world, the thinking goes, the region will stop generating anti-American terrorism.¹⁹⁷

Por outro lado, acadêmicos defendem que não há uma necessária relação entre a incidência de terrorismo em um determinado Estado e seu grau de democracia ou “liberdade”, como assim promovem os propagandistas¹⁹⁸. O terrorismo, principalmente aquele voltado a atingir outros países, surge de outras fontes que não necessariamente a forma de governo a que aquele grupo está submetido. “There is no reason to believe that a more democratic Arab world will, simply by virtue of being more democratic, generate fewer terrorists”¹⁹⁹. Ademais, o Oriente Médio deve ser a região mais descrente da democracia, uma vez que, para eles, essa forma ocidental de governo, agora, está associada à ocupação militar. “The pernicious result is that liberation and freedom, the most contagious ideas in history, are becoming associated, at least in the Middle East, with a violent and unwanted occupation”²⁰⁰.

A verdade é que os Estados Unidos deram o azar de terem sido atacados (11 de setembro) em meio ao governo Bush. Em sua tentativa de combater o terrorismo, o então presidente da potência e acabou por desacreditar a imagem norte-americana

¹⁹⁶ Ibid., p. 319

¹⁹⁷ GAUSE III, 2005

¹⁹⁸ “Comparing India, the world's most populous democracy, and China, the world's most populous authoritarian state, highlights the difficulty of assuming that democracy can solve the terrorism problem. For 2000-2003, the “Patterns of Global Terrorism” report indicates 203 international terrorist attacks in India and none in China” *ibid.*

¹⁹⁹ *Ibid.*

²⁰⁰ NOSSEL, 2004

diante do mundo e valores como democracia e liberdade foram associados a esse descrédito. “When Bush combined ideals with fear, he jeopardized the defense of U.S. interests, the preservation of American values, and the maintenance of the United States' image in the world”²⁰¹.

4.4 Proliferação de armas nucleares

Passados os traumas do 11 de setembro e das investidas no Iraque, o novo alvo da Propaganda e Inteligência ocidentais é o Irã. O motivo alegado em voz alta é o desenvolvimento de armas nucleares. No entanto, há entrelinhas a serem analisadas.

[...] Ainda perdura em setores importantes da Casa Branca o desejo de punir o Irã, por causa da condução de seu programa nuclear. Na realidade, a ideia em si não foi nova, ao assemelhar-se em suas linhas gerais às aplicadas ao Iraque. Assim, o roteiro traçado foi basicamente este: defenestrar de um país um regime autoritário, independentemente do matiz secular ou religioso, do governo em cujo subsolo se assinala a existência de fartas reservas de combustíveis fósseis de relativa facilidade de extração e cuja imagem, perante a opinião pública internacional, esteja bastante desgastada. Caso se obtivesse êxito na deposição do governo do país temporariamente renegado, a cotação do petróleo decresceria. Isto ocorreria porque estaria, em tese, assegurada por muitos anos a exploração regular do produto, já não influenciada por intempéries políticas de dirigentes ou de partidos políticos extremistas, em oposição às diretrizes de governos ocidentais, visto que não há restrições de ordem alguma a países como Arábia Saudita ou Coveite.²⁰²

Independentemente do motivo, o fato é que no final desta última década há um uso da técnica propagandística do *transfer* quando se classifica o Irã como uma “grave ameaça à segurança do mundo”. A maior incoerência nesta situação é que a associação de “grave ameaça ao mundo” é feita ao Irã por conta de sua atividade nuclear ao mesmo tempo em que é injetado o orçamento de atividades nucleares americanas, por meio do Programa do Posicionamento Nuclear. “... Houve uma contradição da administração Bush, ao exigir do Irã o desmantelamento de seu

²⁰¹ MOÏSI, 2008

²⁰² ARRAES, 2009, p. 34

programa nuclear, mas ao mesmo tempo, ampliar o seu próprio nível de investimentos no setor”²⁰³.

Registra-se que esse apelo pela busca de armas nucleares ao redor do mundo é também fruto, não se pode ignorar, como visto na seção anterior, do medo de a Al-Qaeda, ou grupo terroristas de outras ordens, terem acesso a esse tipo de equipamento.

4.5 Abertura do mercado chinês: exaltação de um exemplo

Após a morte de Mao-Tse-Tung, em 1976, o povo chinês se viu diante de um novo líder, Deng Xiaoping, que viria a levar mudanças ao país milenar. Ainda sob mão autoritária, portanto não de todo liberalista, a economia chinesa viu suas janelas abrirem para o resto do mundo, porém com rígido controle interno e regulamentações tendenciosas²⁰⁴. Eram a criação das ZEEs (Zonas Econômicas Especiais) e a lei dos *Joint Ventures*²⁰⁵, ambas medidas tomadas a partir de 1978²⁰⁶.

Desde então, investidores estrangeiros começaram a operar na China, incentivados pela mão de obra barata, pelas políticas de incentivos a empresas estrangeiras e pelas Zonas Econômicas Especiais. Um processo que se iniciou no final da década de 1970, mas que, como veremos adiante, tem reflexos até hoje.

²⁰³ Ibid., p. 85

²⁰⁴ “Uma sociedade que durante séculos a fio aprendeu que o lucro era “pecado”, que buscar a riqueza era errado, que os negociantes eram seres inferiores, agora escutava seu líder maior dizer, em alto e bom som, que enriquecer era glorioso. Mais uma vez, o povo seguiu seu líder e a explosão de atividades privadas, de negócios, combinados com incentivos tipicamente capitalistas, [...] provocou as altas taxas de crescimento econômico da China contemporânea” MENDONÇA, Bruno Macêdo de. **A transição de Deng Xiaoping e a China contemporânea: continuidade e aprofundamento das reformas na era globalizada**. Trabalho de conclusão de curso de especialização em Relações Internacionais, Brasília: Universidade de Brasília, 2009, p. 26

²⁰⁵ “In a cooperative joint venture, the Chinese partner provides land, natural resources, labor, and equipment/facilities, while the foreign partner provides capital/technology, key equipment and materials” TSENG, Wanda e ZEBREGS, Harm. **Foreign Direct Investment in China: Some Lessons for other Countries**. IMF Policy Discussion Paper: Asia and Pacific Department. 2002, p. 6-7

²⁰⁶ “Since China began undertaking economic reforms in 1978, its economy has grown at a rate of nearly ten percent a year, and its per-capita GDP is now twelve times greater than it was three decades ago. Many analysts attribute the country's economic success to its unconventional approach to economic policy -- a combination of mixed ownership, basic property rights, and heavy government intervention. Time magazine's former foreign editor, Joshua Cooper Ramo, has even given it a name: the Beijing consensus” YAO, Yang. The end of Beijing Consensus: can China's model of authoritarian growth survive?. **Foreign Affairs**, Snapshots, fev., 2010

China now has a stake in the liberal, rules-based global economic system that the United States worked to establish over the past half-century. Beijing has opened its economy to foreign direct investment (FDI), welcomed large-scale imports, and joined the World Trade Organization (WTO), spurring prosperity and liberalization within China and across the region.²⁰⁷

Artigos de instituições em sua maioria norte-americanas e relatórios do Fundo Monetário Internacional (FMI) incentivam essa abertura de mercado da China e a apresentam como modelo para demais países. Após pesquisar e entender a relação entre educação e produção de Inteligência (artigos acadêmicos e relatórios) com Propaganda estatal, cabe questionar o quão instrumento de Propaganda, em favor dos interesses norte-americanos, são essas argumentações pró-liberalismo na China²⁰⁸.

A politically reformed China would be an encouraging example for other states in Asia and beyond. If consolidated, a liberal Chinese regime would be more prosperous and stable, and its political system might be better able to correct foreign policy mistakes if they do occur.²⁰⁹

Enquanto uns sugerem uma atual reforma política na China, outros almejam a reforma econômica do final da década de 1970.

But, in fact, over the last 30 years, the Chinese economy has moved unmistakably toward the market doctrines of neoclassical economics, with an emphasis on prudent fiscal policy, economic openness, privatization, market liberalization, and the protection of private property [...] The country is the world's second-largest recipient of foreign direct investment, and domestically, more than 80 percent of its state-owned enterprises have been released to private hands or transformed into publicly listed companies.²¹⁰

²⁰⁷ GILBOY, George J. The myth behind China's miracle. **Foreign Affairs**, Vo. 83, no. 4, jul.-ago., 2004

²⁰⁸ "U.S. economic relationship with China is largely favorable and that it is conducted largely on U.S. terms [...] significant economic and strategic benefits the United States now enjoys in its relations with China[...] The final benefit the United States enjoys from China's global economic integration is in the long-term, patient battle to promote liberalism in Asia. Foreign trade and development have spurred advancements in Chinese commercial law, greater regulatory consultation with Chinese consumers, slimmed-down bureaucracies, and adherence to international safety and environmental standards. Although it is still limited, the people's freedom to debate economic and social issues has increased, especially in the robust financial media. This process of liberalization is incomplete and uneven, but it is in the interest of both China and the United States to see it continue" GILBOY, 2004

²⁰⁹ GILBOY, George J. e HEGINBOTHAM, Eric. China's Dilemma: Social Change and Political Reform. **Foreign Affairs**, Postcripts, out., 2010

²¹⁰ YAO, 2010

Outros segmentos da área acadêmica, por outro lado, também criticam a forma como o mercado chinês foi aberto ao mundo – consenso de Pequim – em detrimento de empresas nacionais e apresenta uma visão mais cética quanto à configuração da China como um competidor global.

In its forced march to the market, Beijing has let political and social reforms lag behind, with at least two critical -- and unexpected -- consequences. First, to forestall the rise of a politically independent private sector, the Chinese government has implemented economic reforms that strongly favor state-owned enterprises (SOEs), granting them preferential access to capital, technology, and markets. But reforms have also favored foreign investment, which has allowed foreign firms to claim the lion's share of China's industrial exports and secure strong positions in its domestic markets. As a result, Chinese industry is left with inefficient but still-powerful SOEs, increasingly dominant foreign firms, and a private sector as yet unable to compete with either on equal terms [...] Chinese firms continue to rely heavily on imported foreign technology and components – severely limiting the country's ability to wield technological or trading power for unilateral gains [...] China, in other words, has joined the global economy on terms that reinforce its dependence on foreign technology and investment and restrict its ability to become an industrial and technological threat to advanced industrialized democracies.²¹¹

Como esclarecedor de dúvidas, relatório do FMI de fevereiro de 2002 argumenta que a abertura econômica que a China passou a adotar a partir do final da década de 1970 foi muito positiva e significativa para o Produto Interno Bruto (PIB) do país.

The market-oriented reforms and 'opening up' policy pursued by China have produced high economic growth and a dramatic economic transformation [...] A driving force for this exceptional growth performance has been the increasing openness of the economy, especially to trade and foreign direct investment (FDI).²¹²

O relatório apresenta dados, traça um contexto histórico, social e econômico da China bem formulado e completo – o que o confere ao documento características instrumentais da Inteligência – e, como conclusão, sugere que todos os outros países façam o mesmo.

China's experience shows that FDI contributes to GDP growth. The effect is likely to be strongest if foreign enterprises develop close links

²¹¹ GILBOY, 2004

²¹² TSENG e ZEBREGS, 2002, p. 2

with domestic enterprises, so that the impact of FDI on productivity growth is extended beyond the firms receiving FDI.²¹³

O documento reconhece algumas falhas do processo de abertura econômica na China – como sistema de imposto complexo e tendencioso e crescimento das desigualdades regionais (por conta da abertura de zonas econômicas especiais em áreas específicas) – e admite a mão de obra barata como principal fator de incentivo ao investimento no país. “... An important motivation for foreign companies was to take advantage of China’s low labor costs”²¹⁴. No entanto, demonstra o lado bom da mão de obra barata.

[...] Low wage costs appear to have played a significant role in attracting FDI to China and in the distribution of FDI flows across provinces [...] This has contributed to China’s rapid emergence as an important global competitor in labor-intensive manufacturing.²¹⁵

O balanço geral do relatório do FMI é que a experiência é positiva e que outros países deveriam fazer o mesmo.

FDI has raised GDP growth by adding to capital formation. This effect is estimated to have contributed about 0.4 percentage points to annual GDP growth in the 1990s [...] FDI has created employment opportunities [...] Employment in FFEs [foreign funded enterprises] in urban areas quadrupled between 1991 and 1999, to a total of 6 million, accounting for 3 percent of China’s urban employment [...] FDI will continue to contribute to China’s economic development.²¹⁶

Enquanto o relatório do FMI e alguns acadêmicos fazem um balanço positivo da abertura econômica na China, outros especialistas analisam a entrada de investidores estrangeiros na economia chinesa sob outro ponto de vista.

China’s high-tech and industrial exports are dominated by foreign, not Chinese, firms. Second, Chinese industrial firms are deeply dependent on designs, critical components, and manufacturing equipment they import from the United States and other advanced industrialized democracies. Third, Chinese firms are taking few effective steps to absorb the technology they import and diffuse it throughout the local economy, making it unlikely that they will rapidly emerge as global industrial competitors [...] China remains a fragmented federal system, its fractious regions unified by a single political party. [...] Understanding that local economic growth promotes social and political order, the CCP tolerates,

²¹³ Ibid., p. 22

²¹⁴ Ibid., p. 5

²¹⁵ Ibid., p. 9

²¹⁶ Ibid., p. 19-22

and even rewards, officials who use any means to produce local investment and employment. But this often results in fragmented national industries and wasteful overlapping investment [...] Chinese business leaders at both public and private firms recognize that an economy dominated by particularism is a risky business environment. Markets are fragmented; rules constantly shift under manipulation by government officials; and political obstacles prevent firms from associating, sharing risk, and taking collective action [...] The paradox of China's technological and economic power is that China must implement structural political reforms, not simply freer markets or greater investment, before it can unlock its potential as a global competitor.²¹⁷

Além dos pontos de vistas não tão positivos sobre a abertura econômica na China, o país ainda tem dificuldades na área diplomática por conta de seu regime autoritário, mesmo após abrir seu mercado para investimento estrangeiro. Enquanto valores como democracia, direitos humanos e liberalização política não forem adotados no terceiro maior país do mundo, as diferenças vão incomodar os consensos ocidentais. Ocorre um fenômeno irônico na China: ao mesmo tempo em que mão de obra barata é o principal motivo para estrangeiros abrirem empresas no país, contrerêneos dos donos dessas empresas acusam Pequim de violação dos direitos humanos.

Some people say that, you know, the economic role model for the world in the 90s was the so-called Washington consensus of liberal democratic capitalism. Others have argued well no, that's been replaced by the Beijing consensus, which is authoritarian rapid growth [...] But that's where I think Chinese soft power begins to fall apart or run into trouble, in the following sense: It's one thing to say that the Beijing consensus of authoritarian rapid growth is attractive to Zimbabwe or to the members of the Shanghai consultative organization in Central Asia, but when it comes to Europe or North America, that's where China starts to lose the soft power [...] Human rights violations, absence of democracy—these are hurting China in its efforts to build its soft power. So ironically when you get to this issue of economic policies, while they attract some, they repel others.²¹⁸

Outra reflexão deve ser feita sobre a China. Os números crescem, a economia ascende, mas a situação interna do país não necessariamente melhorou com o consenso de Pequim, ou liberalismo autoritário.

²¹⁷ GILBOY, 2004

²¹⁸ NYE, Joseph S. **The Rise of China's Soft Power**. Seminário na Harvard University: Institute of Politics, 2006, pp. 8-9

In a party-state, the ruling party's weakness unavoidably saps the state's power. Such “state incapacitation”, which in its extreme form results in failed states, is exemplified by the government's increasing inability to provide essential services, such as public safety, education, basic health care, environmental protection, and law enforcement. In China, these indices have been slipping over the past two decades. This decline is especially alarming since it has occurred while the Chinese economy has been booming.²¹⁹

De acordo com dados de Minxin Pei (2002), o número de protestos quase quadruplicou entre 1990 e 1999 (de 8,7 mil para 32 mil). A razão para os conflitos variam, segundo Pei, entre conscientização da população de que o governo é injusto (abuso de poder) e redução do lucro nas áreas rurais e desemprego nas áreas urbanas.

The most important source of this anger is the onerous tax burden levied on China's most impoverished citizens [...] The combination of high payment, heavy-handed collection, and inadequate services has thus turned a large portion of the rural population against the state.²²⁰

Os dois extremos da curva do consenso de Pequim causam os tumultos: autoritarismo e liberalização econômica para investimento estrangeiro exacerbada. “... The world needs to reexamine its long-cherished views about China, for they may be rooted in little more than wishful thinking”²²¹.

²¹⁹ PEI, Minxin. China's Governance Crisis. *Foreign Affairs*, Vol. 81, no. 5, set.-out., 2002

²²⁰ Ibid.

²²¹ Ibid.

CONCLUSÃO

No rol de ferramentas que o estadista tem à sua disposição para conduzir sua política externa, Inteligência e Propaganda não perderão espaço nos próximos anos. Seja com o papel isolado de cada uma das instituições ou com atuação conjunta, no século XXI, o campo somente estará mais fértil e mais necessitado da Inteligência e da Propaganda.

Como foi dito na maioria dos capítulos, ao contrário do que sustentavam algumas expectativas no fim da Guerra Fria, os terrenos da Inteligência e da Propaganda são muito ricos no Século XXI. Mesmo sem guerras mundiais e ideológicas definidas, como no século passado, estamos na era da informação – palavra que, como concluído no terceiro capítulo, une as duas instituições. A era da informação vai precisar de Inteligência e Propaganda mais eficientes, efetivas e eficazes do que nunca antes²²².

Relações entre Inteligência e Propaganda encontradas no passado – como o fato de a Guerra Fria ser considerada tanto uma guerra de Inteligência como uma guerra de Propaganda, de palavras – ficarão ainda mais óbvias na era da informação. Após um período de indefinições e falta de foco para ambas as instituições, a busca por uma atuação eficiente da Propaganda estatal nas novas mídias sociais e a necessidade de aprimoramento da Inteligência virtual é apenas uma das relações que se intensificarão nas próximas décadas.

Em um cenário indefinido, no qual é difícil prever os efeitos de uma determinada ação (ou Propaganda), é possível que as Propagandas veiculadas e os atos possam ter um efeito contrário ou simplesmente diferente do desejado, como são os casos da tentativa de implantação de valores democráticos no Oriente Médio ou de promover liberalismo econômico sob mãos autoritárias na China. O erro nos dois casos não foi na Propaganda em si, mas na forma como tentou-se implantar essas ideias: no primeiro sob a violência de uma intervenção militar e, no segundo, às custas do bem estar da população. O próprio ato em si – militarismo unilateral ou

²²² “We are in an age of propaganda. This is even more appropriate to the twentieth-first century than to all the other centuries before it” TAYLOR, 2003, p. 320

incentivo a investimento externo direto por meio da mão de obra barata – já projeta uma determinada imagem – dos “valores democráticos” para o Oriente Médio; e do “liberalismo econômico” para a sociedade chinesa. Não necessariamente a imagem como essas sociedades percebem esses valores foram as planejadas pelos estrategistas desde o início.

Nesta virada de década cabe refletir sobre essas tentativas, falhas ou não, de construções de imagens nos primeiros dez anos do milênio. Uma primeira conclusão a que se chega após examinar os exemplos mencionados no quarto capítulo é de que o cenário está cada vez mais indefinido e, portanto, a reação dos povos às mensagens será cada vez mais difícil de prever, além do fato de que as populações estarão cada vez mais independentes das mensagens dos seus estadistas por passarem a ter acesso às outras versões dos fatos. Nesse sentido, sob o ponto de vista do Estado, mais Inteligência será necessária para calcular a veiculação da mensagem e prever quais as reações possíveis a cada ato do governo. Além disso, não se pode ignorar os outros agentes de Propaganda, as grandes instituições e organizações, que, assim como os Estados, também precisarão da Inteligência para prever as reações às suas campanhas e proteger suas informações.

Sob o ponto de vista do interesse das populações, cabe, agora, no fim deste trabalho e deste exercício de reflexão, defender o que essas duas poderosas ferramentas, se trabalhadas em conjunto, podem trazer de novo para as Relações Internacionais, para o mundo e para a humanidade.

We need more propaganda about issues of universal concern to all human beings, regardless of race, creed, colour or nationality. We need more propaganda to counter the hate-inspired propaganda of certain factions attempting to undermine peaceful co-existence between peoples. That this was not done effectively in certain parts of the world after the end of the Cold War may indeed have been one of the root causes of the 11 September attacks.²²³

Os “Joseph Goebbels” do Século XXI podem utilizar sua genialidade para promoverem a paz e a evolução da humanidade. “Since 9/11 we need peace propagandists, not war propagandists”²²⁴. Mas, para isso, esses “gênios” da arte da

²²³ TAYLOR, 2003, p. 320

²²⁴ Ibid., p. 324

Propaganda devem estar inseridos em um mundo já voltado para valores pacíficos. Nesse sentido, os esforços da Inteligência em direitos humanos e meio ambiente, por exemplo, já começam a dar os primeiros passos. O princípio parte, no entanto, dos estadistas e líderes das grandes organizações. São eles que vão decidir o que fazer com as informações coletadas e contratar seus propagandistas.

It is the intention behind propaganda that needs scrutiny, not just the propaganda itself [...] The historical function of propaganda has been to fuel that fear, hypocrisy and ignorance, and it has earned itself a bad reputation for so doing. But propaganda has the potential to serve a constructive, civilized and peaceful purpose – if that is the intention behind conducting it²²⁵.

Já existem iniciativas governamentais de campanhas humanitárias e voltadas para o bem-estar social.

Many governments and interest groups continue to use posters to inform citizens about occupational, safety, and health issues. These posters can cover workplace harassment and discrimination; immunization against disease; and the dangers of smoking, drugs and alcohol and unprotected sexual activity.²²⁶

Carece-se, no entanto, que esses assuntos de conscientização social sejam a real prioridade dos Estados, principalmente dos mais influentes internacionalmente. Se bem administrada pela Inteligência, pela Propaganda, pelas organizações e, claro, pelos estadistas, a era da informação pode levar, em longo prazo, a uma população mundial mais justa e consciente das diferenças entre as nações. Respeito mundial. Ou, por outro lado, o mesmo acesso à informação pode fortalecer movimentos e milícias insurgentes em guerras civis, etc., levando a uma disputa virtual e possivelmente real entre grupos insurgentes e inteligência estatal, ao passo que a propaganda estatal pode se ver rival dos questionamentos da sociedade.

Pela paz ou pela guerra, Inteligência e Propaganda serão fundamentais para as políticas do Século XXI e, portanto, continuarão, por muito tempo, a ser ferramentas recorrentes nas relações internacionais.

²²⁵ Ibid., p. 324

²²⁶ SEIDMAN, 2008, p. 13

BIBLIOGRAFIA

TAYLOR, Philip M. **Munitions of the mind: a history of propaganda from the ancient world to the present day**. Manchester University Press. 3. ed. 2003

SOUSA, Fernando. A democracia, face da política da globalização?. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Vol. 49, no. 1, 2006, p. 5-24

HOLSTI, K. J. **International politics – a framework for analysis**. 5. ed. Englewood cliffs: Prentice Hall, 1988

JERVIS, Robert. **The logic of images in international relations**. 2. Ed. Columbia University Press, 1989

CHOMSKY, Noam. **Controle da mídia – os espetaculares feitos da propaganda**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2003a

SEIDMAN, Steven A. **Posters, propaganda and persuasion in election campaigns around the world and through history**. Peter Lang Publishing Inc., New York. 2008

SHIRKY, Clay. The political power of social media: technology, the public sphere, and political change. **Foreign Affairs**, vol. 90, no. 1, jan.-fev., 2011 <<http://www.foreignaffairs.com/articles/67038/clay-shirky/the-political-power-of-social-media>> Acesso em: 10/02/2011

CEPIK, Marco. **Espionagem e democracia**. Rio de Janeiro: FGV, 2003

VIVEIROS, Rafael Theberge. **Abin: A atividade de inteligência na democracia brasileira**. Trabalho de conclusão de curso de especialização em Relações Internacionais, Brasília: Universidade de Brasília, 2009, 73 p.

CHOMSKY, Noam. **Propaganda e consciência popular**. Bauru, SP: EDUSC, 2003b

HERMAN, Michael. **Intelligence Power in Peace and War**: 11. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008

GONÇALVES, Joanisval Brito. **Sed quis custodiet ipso custodes? O controle da atividade de inteligência em regimes democráticos: os casos de Brasil e Canadá**. Tese de doutorado em Relações Internacionais, Brasília: Universidade de Brasília, 2008, 797 p.

BETTS, Richard K. Fixing Intelligence. **Foreign Affairs**, vol. 81, no. 1, jan.-fev., 2002. <<http://www.foreignaffairs.com/articles/57619/richard-k-betts/fixing-intelligence>> Acesso em: 28/02/2011

OLIVEIRA, Marcel Carrijo de. **A democratização tardia da inteligência na Argentina e no Brasil**. Dissertação de mestrado em Relações Internacionais, Brasília: Universidade de Brasília, 2010, 174 p.

BOREN, D. L. The Intelligence Community: How Crucial?. **Foreign Affairs**, vol. 71 no. 3, summer, 1992 <<http://www.foreignaffairs.com/articles/47975/david-l-boren/the-intelligence-community-how-crucial>> Acesso em: 28/02/2011

ARRAES, Virgílio Caixeta. **A potência em crise: os Estados Unidos no início do século XXI**. Brasília: Editora Verdana, 2009

LINGLE, Christopher. The propaganda way. **Foreign Affairs**, Vo. 74, no. 3, mai.-jun., 1995 <<http://www.foreignaffairs.com/articles/50983/christopher-linge/the-propaganda-way>> Acesso em: 20/02/2011

CAROTHERS, Thomas. The Blacklash against democracy promotion. **Foreign Affairs**, Vo. 85, no. 2, mar.-abr., 2006

<<http://www.foreignaffairs.com/articles/61509/thomas-carothers/the-backlash-against-democracy-promotion>> Acesso em: 13/02/2011

WALLACE, William. Europe the necessary power. **Foreign Affairs**, Vo. 80, no. 3, mai.-jun., 2001 <<http://www.foreignaffairs.com/articles/57028/william-wallace/europe-the-necessary-partner>> Acesso em: 20/02/2011

GAUSE III, F. Gregory. Can Democracy stop Terrorism?. **Foreign Affairs**, Vo. 84, no. 5, set.-out., 2005 <<http://www.foreignaffairs.com/articles/61021/f-gregory-gause-iii/can-democracy-stop-terrorism>> Acesso em: 20/02/2011

CIA World Fact Book <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/index.html>> Acesso em: 01/03/2011

NOSSEL, Suzanne. Smart Power. **Foreign Affairs**, Vo. 83, no. 2, mar.-abr., 2004 <<http://www.foreignaffairs.com/articles/59716/suzanne-nossel/smart-power>> Acesso em: 20/02/2011

FARIA, Carlos Aurélio Pimenta de. Opinião Pública e política externa: insulamento, politização e reforma na produção da política exterior do Brasil. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Vol. 51, no. 2, 2008, p 80-97

MOÏSI, Dominique. The Land of Hope Again?. **Foreign Affairs**, Vo. 87, no. 5, set.-out., 2008 <<http://www.foreignaffairs.com/articles/63577/dominique-moisi/the-land-of-hope-again>> Acesso em: 02/03/2011

GAT, Azar. The Return of Authoritarian Great Powers. **Foreign Affairs**, Vo. 86, no. 4, jul.-ago., 2007 <<http://www.foreignaffairs.com/articles/62644/azar-gat/the-return-of-authoritarian-great-powers>> Acesso em: 20/02/2011

TUCKER, Robert W. e HENDRICKSON, David C. The Sources of American Legitimacy. **Foreign Affairs**, Vo. 83, no. 6, nov.-dez., 2004

<<http://www.foreignaffairs.com/articles/60262/robert-w-tucker-and-david-c-hendrickson/the-sources-of-american-legitimacy>> Acesso em: 20/02/2011

MENDONÇA, Bruno Macêdo de. **A transição de Deng Xiaoping e a China contemporânea: continuidade e aprofundamento das reformas na era globalizada.** Trabalho de conclusão de curso de especialização em Relações Internacionais, Brasília: Universidade de Brasília, 2009, 69 p.

TSENG, Wanda e ZEBREGS, Harm. **Foreign Direct Investment in China: Some Lessons for other Countries.** IMF Policy Discussion Paper: Asia and Pacific Department, 2002 <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/pdp/2002/pdp03.pdf>> Acesso em: 13/02/2011

YAO, Yang. The end of Beijing Consensus: can China's model of authoritarian growth survive?. **Foreign Affairs**, Snapshots, fev., 2010 <<http://www.foreignaffairs.com/articles/65947/the-end-of-the-beijing-consensus>> Acesso em: 01/03/2011

GILBOY, George J. The myth behind China's miracle. **Foreign Affairs**, Vo. 83, no. 4, jul.-ago., 2004 <<http://www.foreignaffairs.com/articles/59918/george-j-gilboy/the-myth-behind-chinas-miracle>> Acesso em: 19/02/2011

GILBOY, George J. e HEGINBOTHAM, Eric. China's Dilemma: Social Change and Political Reform. **Foreign Affairs**, Postcripts, out., 2010 <<http://www.foreignaffairs.com/articles/66773/george-j-gilboy-and-eric-heginbotham/chinas-dilemma>> Acesso em: 10/02/2011

NYE JR., Joseph S. **The Rise of China's Soft Power.** Seminário na Harvard University: Institute of Politics, 2006 <http://www.iop.harvard.edu/JFKJrForumArchive/transcripts/04192006_The_Rise_of_Chinas_Soft_Power.pdf> Acesso em: 01/03/2011

PEI, Minxin. China's Governance Crisis. **Foreign Affairs**, Vol. 81, no. 5, set.-out., 2002 <<http://www.foreignaffairs.com/articles/58248/minxin-pei/chinas-governance-crisis>> Acesso em: 13/02/2011

CELINO, André de Brito. **As zonas de desenvolvimento econômico como instrumento de políticas públicas: o caso da China**. Dissertação de mestrado em Administração, Brasília: Universidade de Brasília, 2006, 133 p.

FRANCK, Thomas M. Are human rights universal?. **Foreign Affairs**, Vo. 80, no. 1, jan.-fev., 2001 <<http://www.foreignaffairs.com/articles/56666/thomas-m-franck/are-human-rights-universal>> Acesso em: 02/03/2011

SCHELL, Orville. China's Hidden Democratic Legacy. **Foreign Affairs**, Vo. 83, no. 4, jul.-ago., 2004 <<http://www.foreignaffairs.com/articles/59927/orville-schell/chinas-hidden-democratic-legacy>> Acesso em: 13/02/2011